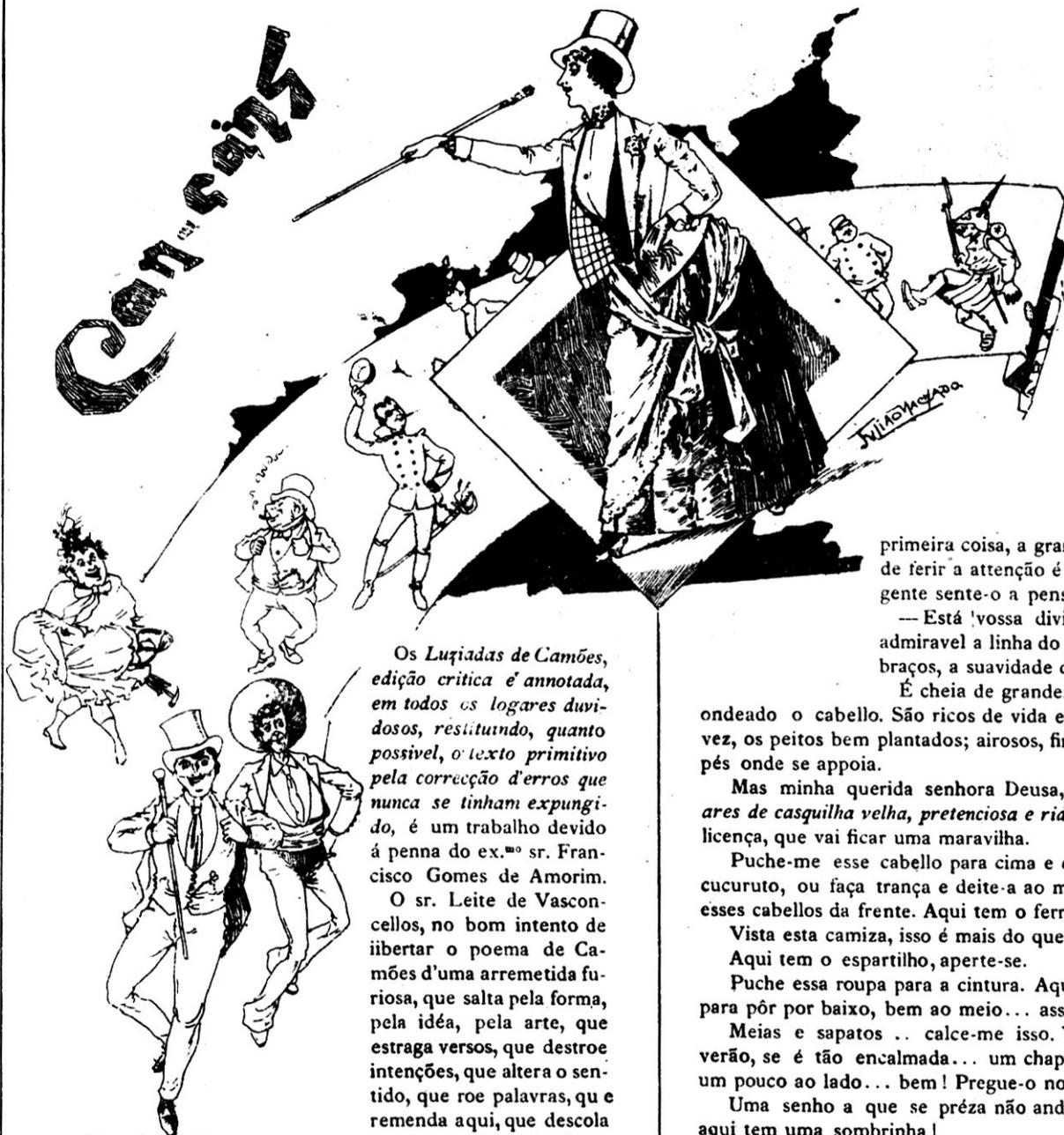


A empresa do theatro da Avenida conseguiu dar-nos uma importante novidade artistica na presente epoca; nada menos que uma companhia lyrica italiana, que se estreiou na terça feira passada com o *Rigoletto*, obtendo um successo muito animador, com grande magua de certos criticos que pretendiam ir ouvir ali artistas da ordem dos que pisam o palco de S. Carlos. E quantos temos nós ouvido, no theatro lyrico subsidiado, muito piores do que os que applaudimos terça feira na Avenida!

A companhia possuie artistas muito rasoaveis, que se apresentam modestamente e que procuram satisfazer com discreção a todas as exigencias da arte, sem pretensões ridiculas que provoquem a gargalhada do espectador. No *Rigoletto* distinguiram-se as sr.^{as} Incera e Treves, o barytono Bugatto e o tenor Suanez. Os córos são regulares. A orchestra, sob a direcção do sympathico maestro D. José Tolosa, não deixou nada a desejar.

Temos pois uma esplendida diversão para quebrar a monotonia da presente quadra de calor, e ao mesmo tempo uma especie de *Vermouth* que certamente nos abrirá o appetite... para melhor entrarmos com a proxima época lyrica de S. Carlos.



Os *Luziadas* de Camões, edição crítica e anotada, em todos os lugares devidos, restituindo, quanto possível, o texto primitivo pela correcção d'eros que nunca se tinham expungido, é um trabalho devido á penna do ex.^{mo} sr. Francisco Gomes de Amorim.

O sr. Leite de Vasconcellos, no bom intento de libertar o poema de Camões d'uma arremetida furiosa, que salta pela forma, pela idéa, pela arte, que estraga versos, que destroe intenções, que altera o sentido, que roe palavras, que remenda aqui, que descola

acolá, anda há dias no generoso empenho de devolver á paternidade do critico a série de erros palmares com que o sr. Amorim ousa calumniar a penna e as intenções sublimes do grande poeta.

O que seja a reforma do poema vai o leitor concluir d'este juizo critico do reformador:

—Uns *Lusiadas*, ataviados com trajos e ademanes antiquados dando-se ares de casquilho velho e pretencioso, seriam mais ridiculos do que dignos do amor e respeito que universalmente se lhe deve —!

Depois d'esta celeberrima opinião sobre uma obra d'arte, parece impossivel que alguém se atreva a não considerar como ridiculas a Venus dos Medicis, a de Gnido, ou a Venus Callipigia do muséu de Napoles, tendo estas senhoras o desplante de se apresentarem, em publico, a primeira vestida de nua e as ultimas com uns ligeiros mantos pendentos das mãos ou dos quadris, isto, hoje, no seculo do setim, da setineta, do velludo, da chita e ainda da gaze, ao menos!

Comparem v. ex.^{as} (a comparação é admissivel) o poema de Camões com uma d'estas formosas esculpturas, grandiosa, soberana na belleza das suas linhas geraes, lançadas com o arrojo, a graça, a firmeza que um grande artista pode

imprimir na sua obra.

Seja por exemplo a Venus do Vaticano, cuja roupagem se cifra n'um manto, descahindo das côxas até aos pés, mal atado sobre o ventre, o tronco nú, os braços levantados segurando cada um d'elles metade da trança solta.

Esta bella obra vai ser corrigida pelo sr. Amorim. Ella chegará ao pé da estatua, e a

primeira coisa, a grande coisa que lhe hade ferir a attenção é o modo de vestir! A gente sente-o a pensar:

— Está vossa divindade muito bem É admiravel a linha do dorso, o contorno dos braços, a suavidade do côlo.

É cheia de grandeza essa cabeça e bem ondeado o cabelo. São ricos de vida e de provocadora altivez, os peitos bem plantados; airosos, finamente elegantes os pés onde se appoia.

Mas minha querida senhora Deusa, está v. ex.^a dando-se ares de casquilho velho, pretenciosa e ridicula, etc. Ora dê-me licença, que vai ficar uma maravilha.

Puche-me esse cabelo para cima e enrole-o em pinha no cucuruto, ou faça trança e deite-a ao meio da cabeça. Corte esses cabellos da frente. Aqui tem o ferro de frizar.

Vista esta camiza, isso é mais do que decote.

Aqui tem o espartilho, aperte-se.

Puche essa roupa para a cintura. Aqui está a almofadinha para pôr por baixo, bem ao meio... assim.

Meias e sapatos... calce-me isso. Vista este casaco de verão, se é tão encalmada... um chapéu de Paris. Ponha-o um pouco ao lado... bem! Pregue-o no cabelo.

Uma senho a que se préza não anda de tranças na mão, aqui tem uma sombrinha!

Perfile-se, olhe para mim... Ai que linda senhora!

E depois, maravilhado, para o publico:

— Meus senhores, edicção mais correcta da Venus do Vaticano, com a correcção de erros até hoje não expungidos!—

É pouco mais ou menos o que o sr. Amorim fez aos *Luziadas*, segundo a critica sensata do sr. Leite de Vasconcellos.

Depois d'isto, o leitor o que tem a fazer é ir comprar a obra.





A analyse d'umã descripção em estylo pedantico-burlesco d'um saráu Caldense, assignada por um Ermitão, com que fechámos os «can-cans» do ultimo numero, trouxe-nos em réplica a seguinte carta, d'um anonymo das Caldas da Rainha:

Meus amigos

«Foi uma ideia muito desgraçada o «attaque» ao Ermitão das Caldas: toda a gente, aqui como em Lisboa, levou a mal como a mal levarão todos que conhecem o Ermitão. E' o padre Antonio. Perguntem a Bordallo Pinheiro quem é este homem.»



Cahi das nuvens! O obsequioso anonymo descobre, no dia immediato ao da publicação, estando nas Caldas, que Lisboa inteira levou a mal a tal ideia, que classifica de desgraçada!

Perfeitamente d'accordo, amigo. Nem era para fazer rir que foi explanada. Não confunda um puchão d'orelhas com umas cócegas debaixo do braço.

Olhe que faz differença.

Pois, senhores, e eu a pensar porque é que o meu agua-deiro mal me cumprimentava, de ha dois dias para cá, e porque, quando passava pela Avenida — onde sou sempre alvo das mais inequivocas provas de sympathia, revelladas nos sorrisos das damas e nos cumprimentos attenciosos dos homens — quando passava, como ia dizendo pela Avenida os homens me olhavam de revez e as damas faziam beicinho d'amuadas e mal me baixavam a cabeça, com uma altivez pouco captivante.

Oh! afinal, descobri o mysterio: eu tinha atacado, na pittoresca linguagem do anonymo — o Ermitão das Caldas!

Vejam v. ex.^{ta} como um homem, cheio das mais puras intenções, combatendo pela limpeza do jornalismo, acarreta sobre si o odio das Caldas da Rainha, e, o que é peor, os maus modos d'uma capital em cujo seio floresce!

Mas quem demonio podia suppôr que um habito sovado de Ermitão encobria um tão popular auctor, e que uma correspondencia que encheria de gloria Calino e a familia até á quarta geração devia merecer-nos as attenções d'uma carta de Cicero ou do padre Vieira?

Desde quando tem fóros de impunidade a tollice audaz, o pedantismo soez, a basofia lorpa, quer seja expectorada por um paisano, quer seja regada por um ermitão?



E' o padre Antonio, diz com ares tetricos de quem vae fazer estalar um cartucho de dynamite, o zeloso anonymo. Ah! é? Ora o diacho; e nós que julgavamos que era o padre Francisco! Perguntem, acrescenta para dar força á affirmacão terrivel, o mysterioso defensor, a Bordallo Pinheiro quem é este homem!

Porque será Bordallo Pinheiro o competente para descascar perante a nossa miopia ignorante este cavalheiro? Faz-nos pensar. Será empregado da fabrica de faianças? Terá servido de modelo para as estatuas do Bussaco?

Que intimas ligações mysteriosas existirão entre o reles plumitivo dos saraus e o grande caricaturista? Que o digam os sabios da escriptura. Terá Bordallo Pinheiro a faculdade de conhecer padres, assim como quem tem a faculdade de conhecer, pelo toque, as melancias maduras!

Que grande auxilio para o patriarcha.

Eminencia, tomemos nota: por mim quando eu quizer saber quem é Bordallo Pinheiro vou ter com o arcebispo de Mythelene.

Está na conta.



Agora duas palavras mais, a serio.

Quando um cavalheiro qualquer lança á publicidade paga um escripto, uma lembrança, uma carta, ou uma charada, a critica tem o mais absoluto direito de se exercer sobre essa obra.

De mais sabiamos quem era o Ermitão; mas não lhe citámos o nome, nem vinha ao caso. Quem conheciamos perante o testemunho do jornal, era um individuo que assignava «Ermitão», que se dava ares de homem superior, de censor austero, vomitando, sem nexo, uma serie de baboseiras.

Que o Ermitão escreva as tollices que quizer, modestamente, gozando-lhe a ressaca gloriosa no Club das Caldas, ou nas mercearias amigas da localidade, e nós passaremos por cima da sua individualidade, como tantas vezes temos feito commendando-o aos anjos e ás moscas!

Mas que sua reverencia venha do seu ermo impôr banalidades de critica sertaneja, cretinices com ares de dogmas, em linguagem reinadia de mioleira esquentada, dar sentenças tolas de cabeça erguida como quem falla de pulpito, sem receio de replica, não lh'o admittimos porque não queremos, e não queremos por que temos o indiscutivel direito de criticar, como a toda a gente assiste o direito de fazer o mesmo ao que escrevemos.

De mais conheço estes litteratiços de pechisbeque, cheios de vaidade, lavrando sentenças, e arrotando maximas, em ares de grãos senhores, por boticas provincianas, porque os jornaes da capital, verdadeiros albergues nocturnos, acolhem com uma complacencia censuravel quanto vadio das letras lhe bata á porta com um original gratuito.

REGICIDA

Nota



Um novo Valle nasce.

No dia immediato ao de qualquer tentati-
va de regicídio, o grande latido vermelho de
parlamentares de facto, o nome de tentadas
nacionalidade, profusão, efr dos castellos,
etc.

No qum dia que um novo patriota ten-
tos contra a vtil de R. M. o Imperador do
Brasil e o caso achava, a hora em que se
crevem, servido no mais importante
momento.

A caritidade dos nossos leitores está,
naturalmente, estuda. Procuramos com
estada obter a maior somma de informa-
ções e vamos ter a honra de apresentar,
seguido os dados officina e communições
particulares, as pognuras do horrivel at-
tento, que podemos alisar.

Adriano de Valle, natural de Cambiá
era um bom rapaz, segundo a Serida de
mesma localidade. E segundo o Serido de
mesma localidade, era um rapaz regular,
altas grande; um cabelo crescido e
legado curto.

As intencões radicais de Adriano e sua
tácão, a ponto de gritar, ao ouvir a Morte
no theatro Lythada, do modo a separar
se os amigos.



Um novo Valle nasce.

Quando o letterado Valle chega a casa
só lhe importa matar um rei;
mas em matar um homem.

Uma festa de Purus radical acaba-
mente de Valle, sobre um relig.
em, tendo antes a Imperador.

Um revolver.

Uma...

Diz-se no theatro de Sant'Ana.

O Imperador apparece.
Viva-o. Puni! Catrapal Puni! Puni!
Grande baldada; gritos; o cochete de
liga no cavallo; o povo bravo; a politica
terram; a luz chova; os dias outros; a terra
cozida!
Ahi haje algumas aduções mais em
formação do que a Comissao Portuguesa
esperamos por nos ter objecto as boas gra-
ças dos nossos leitores.



Quando chegaram ao papa (Morte de Val-
rio) parece que o Imperador chorava que
não se lembra va do que lhe succedeo:
Esperamos o resultado das Investiga-
ções e do poligrafo, e de novo conti-
nuar!

Um novo Valle nasce.

Se é padre hei-de tolerar-lhe os atrevimentos?

Mas aquelle tem o mesmo direito por ser parvo, e aquelle outro por ser ambas as coisas, por exemplo! Perante a critica d'uma obra d'arte tem o mesmo valôr o auctor, quer tenha uma corôa na cabeça, quer tenha um T na testa.

E' talvez muito boa pessoa o homensinho?

Estimamos; que lhe faça bom proveito; mas as boas pessoas podem fazer coisas inoffensivas; jogar a bisca, fazer meia, tocar marimbas.

Creio que lá pelas Caldas inda se não prende ninguem para escriptor publico!

Ora pois, o Ermitão que seja tolo á sua vontade, mas sem pretensões; e, quanto a v. ex.ª, insidioso amigo, continue a admiral-o para justificação do aphorismo de Boileau

As Caldas e Lisboa indignam-se? Ha de lhe passar. Descance.



A companhia do Theatro da Trindade pretende salvar-se do odioso que accarretou sobre si, não fechando as portas do theatro no dia do funeral de Antonio Pedro, e vae dar uma recita em beneficio da familia pobre do grande actor.

Plenamente d'accordo; justo o benefico resgate d'um peccado: depois da culpa a franca penitencia. Só ha que louvar n'esta idéa.

Mas a que vem então a *Revolução de Setembro*, unico campeão defensor da desgraçada decisão da companhia, fazer de finorio, com razões de uma ingenuidade collegial, a justificar um acto que a opinião geral reprovou e censurou com toda a razão, n'aquelle dia?

Ora, diz o advogado, estas graciosas palavras:

A sociedade fez sacrificios para pôr em scena a magica, tem encargos trabalha para sustentar os artistas, sustenta o numero pessoal que recebe ás noites; e eomprehendeu que sacrificar uma recita em signal de luto no dia do enterro do seu collega seria muito poetico e apparatuso, mas era supprimir uma receita em pura perda, com damno de muitos e sem vantagem para ninguem.

Este senhor entende que uma pessoa que se veste de lucto e se isola na dôr, quando um amigo ou um irmão desce ao tumulo, faz uma poesia!

Se põe um fumo no chapéu e um alfinete preto na manta, não faz um acto que a sociedade impõe aos homens educados e civilisados, mas deita — apparatuso!

Que idéa tão tunambulesca faz do dever e da dignidade este esporadico defensor de grosserias revoltantes.

Mais razões:

Vivendo uma vida restricta, pois que a sua exploração theatral acaba apenas começar a futura época, ser-lhe-ia impossivel, sem compromettimento real, supprimir na sua receita o producto de duas recitas, uma para mera ostentação externa, outra para um acto util e benemerito.

Quem me explica este compromettimento real? E sobre as duas recitas, — tinha a companhia por esse tempo votado a recita em favor da familia? Não consta.

Ultimas razões:

Por isso, a companhia artistica, mais pratica e melhor inspirada, não fechou o theatro no dia do enterro do seu glorioso collega, e abre-o, de par em par, ao publico no dia da recita em beneficio da familia d'elle.

Significa isto um modo melhor de lhe honrar a memoria e de lhe testemunhar a verdadeira confraternidade artistica.

Por ser practica de mais é que a companhia não fechou o theatro? Isso sabemos nós.

Mas vai abrir as portas no beneficio. Pois que as abra como absolvição da culpa e não como justificação. Com o ultimo titulo não lh'a acceitamos e muito menos depois das considerações irrisorias da *Revolução*.

É verdade que para ella os theatros do Porto, fechando as suas portas, fizeram poesia e deitaram apparatuso! Sustenta-os o maná do ceu; os actores por lá são assim ao modo d'uns passaros d'Angola, que não comem, nem bebem, nem sujam a gaiola!

Que poetas que são aquelles actores portuenses e que modestos os da Trindade!

A *Revolução* devia aconselhal-os a mandar gravar no arco do proscenio, em substituição da obsoleta maxima latina, o seguinte distico: — Companhia alegre. Manifestações tristes em prosa e com modestia —!

Façam pois a recita que todos levarão a bem e deixem-se de querer defender o que não tem deteza.

HOMENAGEM



a Antonio Pedro

Constituiu-se em Lisboa uma grande commissão com o fim, de todo o ponto louvavel, de erigir um mausoleu-monumento ao eminente actor Antonio Pedro, cuja morte tanto alvoroçou o publico da capital.

Esta commissão é composta dos actores: Taborda, Roque, Gil, Leopoldo de Carvalho e Baptista Machado, e dos srs. Rosa Araujo, Gervasio Lobato, Francisco Franco, Saturnino de Andrade, Fernando Pereira, Joaquim Antonio Maia, Francisco Verissimo de Carvalho Almeida, José Antonio da Silva, Antonio Borges e Fernando Prophiro de Mello Alves.

Os donativos recebem-se na *Livraria Economica*, travessa de S. Domingos, 9 a 11; — *Casa de Paris*, rua Aurea; — *Cambista Alves Martins*, rua Nova da Palma; — *Cambista Silva*, rua Aurea; — *Camaroteiro do Theatro da Rua do Condes*; — *Confeitaria Araujo*, travessa de S. Nicolau, 38 a 48 e Avenida, 28 a 34; — *Restaurant Club* e *Hotel Borgcs*, rua Serpa Pinto; — Rua Fernandes da Fonseca, 7 e 9; — Rua de S. Lazaro, 189; — Rua da Prata, 193; e Sizenaddo Costa, Praça de D. Pedro.

A *Comedia Portuguesa* associa-se de todo o coração a esta merecida homenagem ao grande actor, que foi uma verdadeira gloria nacional, e subscreve com.....

45500

(Continúa).



N'uma das escolas municipaes de Lisboa uma examinadora perguntou a um pequeno de dez annos o que era... luxuria.

A creança titubeou e, como não soubesse, calou-se. Ignoramos se lh'o explicaram.

Ora, os nossos collegas que contaram o caso pediram, cheios d'uma indignação que lhes fica muito bem — mas de que nós não partilharemos, — todo o rigor do sr. Travassos Lopes para a galante examinadora.

Nós, compreendendo a pergunta pelo elevado intuito da conscienciosa professora, lembramos-lhe apenas a conveniencia de modificar a sua *toilette* quando se proponha questionar os seus examinandos sobre tão complicado assumpto, e, se nos permite, aqui lhe deixamos um ligeiro desenho indicativo da que — segundo a nossa opinião — deve dar mais practicos resultados.



Alem de ser essencialmente suggestiva, tem grandissimas vantagens na quadra abrasadora que vamos atravessando.

Sua Ex.^a poderá modificá-la tanto quanto lhe fôr preciso para os examinandos que se lhe affigirem menos prespicazes.



Tendo-se esgotado os n.^{os} 1 e 2 da Comedia Portugueza e não podendo nós, portanto, satisfazer as innumeradas requisições que nos tem dirigido não só os novos assignantes d'este semanario, cuja animadora affluencia nos tem penhorado em extremo, mas tambem muitos dos nossos antigos assignantes, que não colleccionaram aquelles numeros, resolvemos mandar fazer uma segunda edição, com a qual nos achamos presentemente habilitados a attender todas as reclamações.



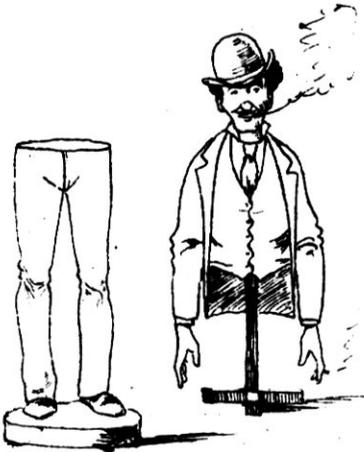
Todos os senhores assignantes a quem falte algum numero da colleção, e o queiram alcançar, farão as suas requisições o mais breve possivel, porque aproximando-se o fim do nosso primeiro anno, que termina em setembro proximo, todos os exemplares de sobra serão encadernados com as novas capas, constituindo assim colleções completas, tornando-se por isso, mais tarde, impossivel satisfazer a qualquer requisição de numeros em separado.

A seu tempo annunciaremos a existencia de capas especiaes para encadernamento do primeiro volume da Comedia Portugueza, bem como as respectivas condições para os senhores assignantes e para os colleccionadores avulsos.

O REDACTOR-GERENTE
Silva Lisboa



ANNUNCIANTES



Estofador

552 OFFERECE-SE meio offic. l. Carta á agencia de annuncios. R. Augusta, 270, 1.º a A. Z. 12431.



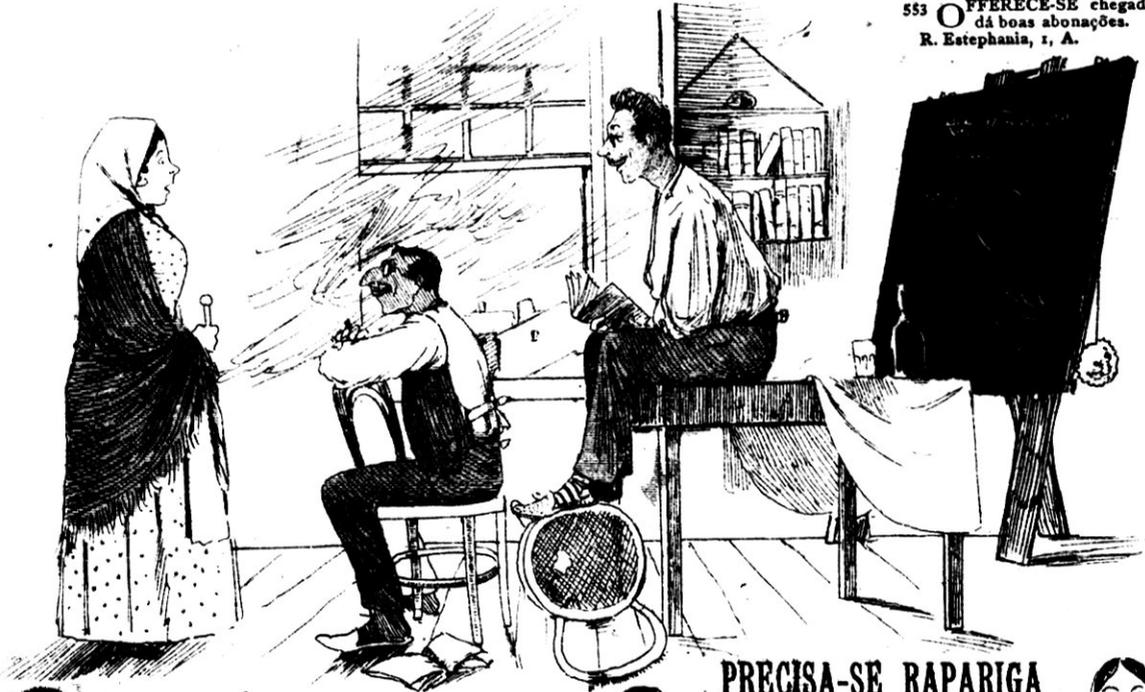
Criada

559 PRECISA-SE para todo o serviço, casa de mulher e marido. C. do Correio Velho, a Santo Antonio da Sé, 9, 2.º A.



Criada

553 OFFERECE-SE chegada da provincia, dá boas abonações. R. Estephania, 1, A.



PRECISA-SE RAPARIGA

585 PARA 2 pessoas. Rua da Imprensa Nacional, 8, 1.º esq.



Criada 528 PRECISA-SE de uma que seja desembaraçada. Calçada da Gloria, 9, E.



Quarto

557 PRECISA-SE independente para homem só socegado. Rua do Amparo, 40, logar.



Ama

549 OFFERECE-SE vinda hontem da provincia, dá abonações. R. do Ouzo, 196.



O funcionario pantado:— Solemne e grave. Possuido da sua posição official não pensa n'outra cousa, senão na sua banca de burocrata. Respeita as instituições vigentes e, mesmo em casa, com a familia, quando falla da magestade diz sempre: *El-Rei. Usa, invariavelmente, sobrecasaca e chapéu alto. Adora o classicismo e é todo e em tudo... a antiga portugueza.*



O manga de alpaca:— Tem trinta annos de serviço activo, mulher e filhos, é assiduo na repartição e nunca passa da cêpa torta. Tem vinte trêz réis mensaes, sujeitos a varios descontos. Um rival dos passarinhos de Angola: não come, não bebe e não suja a gaiola...



O jornalista:— Faz simples *reportage*, mas pavoneia-se por toda a parte com ares de heroe da imprensa diaria. Falla no seu collega Marianno de Carvalho e no seu collega Pinheiro Chagas... Foi reprovado em instrução primaria... e tem nos bilhetes de visita—o jornalista fulano.



O dilettante:— Eil o em S. Carlos impondo, com um *schiu* fortissimo, silencio á plateia que applaude. Toca no piano a walsa do *Beijo*, pelo que se julga habilitado a fazer a critica. Se o tenor ou a dama se engasga, bate delirante com o pé no chão, porque elle não perdoa... E' um terrivel... De resto não faz mais nada n'este mundo.

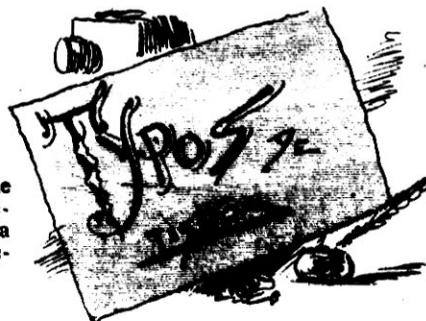


O distinto sportman:— Não tem cavallo, mas usa esporas...



Parece e não é...:— Garrida, de toilette caprichosa, passeia na Avenida com ares petulantes, chamando, com a sua *coquetterie*, a attenção dos passantes. Todavia é uma menina honesta...

O amanuense líró:— Pouco dinheiro, mas apparece em toda a parte; vai aos bailes, ás *premières*, ás corridas, anda de tipoia, veste bem e dá noticias para os jornaes sobre a vida do *high-life*.



Não parece... mas é:— Vai sério, como um senhor conselheiro, levando pela mão um menino. Não olha, não sorri, parece ter o procedimento mais austero d'este mundo e, todavia, aquella gravidade é postiza e o menino... é alugado.

M. C.

45



Em todos os seculos, em todos os tempos, a velhice foi considerada como um castigo tremendo. Por mais que a poetizem, que lhe exalchem as câns e lhe ofereçam respeitosa homenagem, ella é, e será eternamente o pezadello da vida!

A morte, tirados os logares communs dos sentimentalistas que nunca viram morrer ninguem; despojada dos horrores d'alem tumulo que os fantazistas teem evocado e espalhado pelo mundo em horas de hypochondria lugubre, é comparada com ella, a velhice,

o mais delicioso facto da vida, o termo dulcissimo d'um anciano continuo, o descanso, enfim, d'uma existencia em que todas as illuzões se perdem, todos os sonhos se esvaem, todas as forças se esgotam!

A morte produz uma massa inerte que apodrece na consciencia das cousas; a velhice um Tantalos que se torce na consciencia do supplicio.

Ora, como o final de todo o martyrio é necessariamente um bem, antevê-se muitas vezes a morte como um desejado premio.

A extrema velhice, que arrasta o homem pelo mundo, na indiferença d'um vegetal cançado, tem para a morte um sorriso amigo, de velho conhecimento que se ajustou encontrar, na estrada da vida e que se vê a marchar pelo caminho.

O mundo de hoje, o mesmo é que dizer o homem, porque mais conhece mais deseja; porque mais se elevou na escala da sciencia mais o seu espirito agita e absorve o desejo insaciavel! A figura do velho Fausto, sedento de prazeres, consultando os tratados da vida, as alchimias, os secretos arcanos das sciencias mysteriosas, é a nossa imagem de hoje, será a de nós todos, quando sentirmos na cabeça cahir, dia a dia, a neve dos annos, levando por cada camada, uma faculdade um poder!

E como os Mephistopheles já não fazem a graça de apparecer nos circulos magicos ás evocações, os velhos da sciencia, procuram no ar livre da experimentação o elixir da força, da vida, da mocidade!

E' assim que nos apparece, em Paris, o medico Brown-Sequard, aos 72 annos, dando se ares de rapaz, pela descoberta que fez do

elixir da juventude, que não está averiguado não seja a opera lyrica do sr. visconde de Arneiro, mas que tudo leva a concluir que não seja.

A seriedade do grande professor levamos a poupar-lhe o epigramma do nosso riso.

Não o acreditamos, francamente. Mas se te não enganas, bom velho, se tu estás destinado a ser o remoçador, o Mephistopheles da nossa geração e futuras, tu podes contar que has de ter mais templos de que todos os santos e santas das côrtes celestes, e que as lagrimas de alegria que hão de cahir sobre a tua seringa graduada, serão bastantes para fazer nascer da tua casa um grande rio, por onde possam buscar-te, em peregrinações interminaveis os velhos de todos os confins, os Argonautas do amor e da Victoria!



A revelação de Brown-Sequard poz d'atalaia uma alluvião de interessados e sobretudo os moralistas que encontram n'ella, a realizar-se, um elemento grandioso para a consolidação da familia.

Mas como as grandes descobertas nunca veem sós, apparece agora um outro medico a descobrir o microbio da velhice! Esta agora é mais seria.

Em medicina, como em tudo afinal n'este mundo, ha modas. Ha medicamentos da moda, doenças da moda, operações da moda, theorias da moda e até medicos da moda. Como para todos os actos humanos, á superficie da terra, é preciso procurar a mulher como causadora, assim hoje na medicina, para cada doença é preciso procurar um microbio. Ora, como ha doenças phisicas e moraes é necessario admittir que o amor, os affectos, a raiva, o prazer, estados anormaes, teem o seu microbio especial. Foram, decerto, identicos raciocinios que levaram o Napolitano Mantiniconico a procurar o microbio da velhice! O extraordinario, porém, não é o medico tel-o procurado, é o tel-o encontrado!!

Que ignorancia ingenua de medico.

De ha seculos conhecemos esse senhor.

Vive do organismo, alimenta-se dos dias e dos mezes, faz cahir o cabelo e os dentes, emperra as articulações, enfraquece a vista, dobra a espinha, enrija o ouvido, aniquila os desejos, ossifica as castilagens, enche de placas as arterias, desafina o coração! Chama-se — anno.

Microbios terrives os annos, meu caro douctor, para que é inutil procurar um remedio. Ignorava v. ex.ª a existencia d'este inimigo subtil ou está a troçar comnosco?

V. ex.ª a matar o microbio da velhice deve elevar-se ás proporções de Josué mandando parar o sol; porque matar o microbio da velhice, o que equivale a matar o tempo, parece-nos um pouco mais difficil do que matar o bicho.

Estou em crer que v. ex.º derivou do habito d'este ultimo assassinato, para o campo da sciencia experimental. Recomendamos-lhe a soda com umas gottas d'ammoniaco, illustre dr. Manlinconico, de Napoles. Que lhe preste!



O que porém provam estas tentativas dos sabios é o horror pela velhice. Denotam a agonia do espirito, accorreato á fatalidade da decadencia corporal. A morte na vida, deve ser um supplicio sem nome. A mocidade é tão rapida e tão precoce a velhice!

Taes pensamentos que levam os sabios para as explorações scientificas, atiram os espiritos menos cultos, a emprezas mais positivas.

E' assim que Marcellino Alves, um carteiro, cioso de aproveitar a sua mocidade distribuidora, eniendeu que a monogamia é uma injustiça flagrante contra os direitos naturaes e resolveu metter na mala matrimonial a Maria Joaquina, a despeito de saber que já lá tinha dentro a mulher e quatro filhos.

Devemos confessar que é um typo de espirito. Como elle conhece bem a terra onde vive; como elle percebeu que todos os serviços officiaes, estão na escala de aporfeioamento dos serviços do correio. E' um analysta.

Foi preso; é natural. Mas porque prenderam a mulher e lhe exigem dois contos de réis de fiança? Que crime commetteu? O ser enganada! Officialmente, segundo a lei, esse homem é seu marido. Correram-se os tramites legaes, documentos, proclamas, tudo o que a lei exige. Em vista d'isto o homem é solteiro para esta mulher.

A informação d'uma senhora visinha não tem fé, não destroe o codigo, a lei, creio eu.

Porque a prendem então? Por se ter deixado illudir? Pode alguém admittir que uma mulher, a não ser uma idiota, se preste a ir casar, o mais publicamente possivel com um homem casado?

Mas se é idiota o seu logar não é no Aljube. Se é uma illudida seria natural o ter direito a uma indemnisação!

Isto é de justiça, entre nós, sempre lhes digo que é uma pepineira de se lhe tirar o chapéu.



A pobre mulher deve estar realmente admirada de não ter encontrado preso, na Boa Hora, o prior de Santa Jzabel, na occasião do interrogatorio.

E' verdade que elle não teve a culpa, coitado; a culpa é da Maria Joaquina. Quem quer casar tem obrigação de conhecer todos os homens solteiros e casados de Lisboa.

Pois prenderam a mulher e deixaram o prior á solta e ninguem protestou.

Isto é um santo paiz em que só a tolice é grande na justiça e Beirão o seu propheta.

Em Coimbra a extincção dos cães vadios faz-se, segundo dizem os jornaes, da seguinte forma: os animaes são amarrados a um tronco, pelo pescoço, e depois açoitados até os julgarem mortos.

Custa a acreditar tanta selvageria.

Mas, se é certo, pedimos que se applique o mesmo processo para o presidente da camara da Lusa Athenas. E não o offendemos: quem é capaz de sancionar tal ordem é, phisiologicamente fallando, inferior a um cão.



Meu caro cancanista

Escrevo-lhe do meu ermo, onde a noticia chegou, portadora de alegrias intimas.

José Galache acaba de obter em Paris, o *Grand prix*, nos azeites expostos.

Portugal deve lhe hoje o ser conhecido no mundo como o primeiro azeiteiro. Não se esqueça de pedir para o solitario do Freixo uma condecoração qualquer. Não para elle usar na casaca, mas para adornar os rotulos. Faz effeito. Imagine com que amor não vamos todas, este anno, dar a esse homem a vida, que elle tão brilhantemente transforma, deixando-nos esborrachar sobre as mós. Alexandre Herculano, o nosso ex-visinho, nunca conseguiu tanto, apesar de ter escripto a Historia de Portugal.

Mas não se esqueça meu caro, de sollicitar com empenho a dadiva e de propagar o facto, que n'isso penhorará em extremo:

Uma azeitona reconhecida.



EMENDA

O gracejo a que nos associámos no ultimo numero, com relação á pergunta feita por uma professora a um examinando *que sahlu reprovado*, punge-nos agora, por estar averiguado que a maneira porque essa pergunta foi feita, nada teve d'estranho nem de incorrecto. Levados por informações dadas pelos nossos collegas, illudidos naturalmente na sua boa fé, commettemos tambem o reprehensivel acto de desacato, de que nos penitenciamos, perante uma senhora, digna de todos os respeitois da nossa mais alta consideração.

A maneira precipitada e irregular porque os nossos jornaes são feitos, dá origem a que a insidia possa introduzir-se surretamente no logar da verdade, produzindo factos lamentaveis, como este ultimo.

Dirigimos á distincta professora as nossas desculpas, rogando-lhe o acreditar que só uma informação falsa, poderia ter-nos arrastado á indelicadeza que tanto a magoou, que tão sinceramente lamentamos e que procuraremos ainda resgatar, quanto pudermos.





José Estevam Coelho de Magalhães

JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES

O grande patrio a quem a cidade de Aveiro vai erguer uma estatua, nasceu n'esta cidade a 26 de dezembro de 1809.

Em 1828 rebentou a revolução constitucional do Porto. José Estevam deixou Coimbra e partiu para Aveiro para promover ali a revolução. Vencido emigrou para a Galliza e d'ali para Inglaterra.

Em 1832 desembarca nas praias do Mindello.

E' um dos heroicos defensores da Serra de Pilar onde ganhou a Torre Espada.

Em 1837 é eleito deputado ás côrtes e é sobretudo alli que o seu enorme talento oratorio lhe alcança os maiores triumphos, combatendo generosamente pela patria e pela liberdade.

«Era, diz o Archivo Pittoresco, um character probo, franco e leal. Apostolo ardente das ideias democraticas foi-lhe fiel até ao tumulo. Privando com o poder, muitas vezes, e n'algumas o seu maior esteio no parlamento, nunca ambicionou o governo não acceitou nem sollicitou mercês ou condecorações.

O peito onde pulsou tão grande coração só se ornou com a condecoração da Torre Espada, ganha no campo da batalha.

Os seus discursos monumentaes são: o do Porto Piréo, As irmãs da Caridade e sobre a Barca Charles et George.

Fundou a *Revolução de Setembro* em 1866 e foi collaborador do *Tempo*.

Foi advogado distinctíssimo e foi ainda grande como professor, como militar, como advogado, como publicista.

É a este grande vulto da liberdade portugueza, que Aveiro justamente orgulhosa, vai erigir um monumento.

Associamo-nos do coração á generosa idéa, e d'aqui levantamos um bravo á memoria de José Estevam, tão escaracada hoje da politica contemporanea.



NO OCCIDENTE

E' um novo livro de poesias de Eduardo Vidal, o inspirado auctor das *Folhas soltas*, dos *Cantos do estio*, dos *Cantos da sesta*, e dos *Crepusculos*, o mavioso cantor da Primavera, ao qual nem os encargos, por demais prosaicos, da sua vida burocratica, em que aliaz elle é distinctissimo pelos seus vastos conhecimentos, nem a *Carta de Conselho*, que elle procura occultar com uma ingenuidade verdadeiramente infantil, conseguiram embotar-lhe a veia poetica, cada vez mais fertil e imaginosa.

Este novo livro—*No Occidente*—é mais uma afirmação do que deixamos dito. N'elle se encontram bellas manifestações do apreciavel talento de Eduardo Vidal, a quem agradecemos do coração a amabilidade do exemplar com que nos honrou.

Por falta de espaço, não temos de ha mais tempo accusado a recepção da 1.ª parte d'um livro importantissimo, revelador d'um trabalho elevado e consciencioso do sr. Agostinho Sizenando Marques, sub-chefe da expedição portugueza ao Muata-Ianvo.

E' o titulo da obra: *Os climas e as produções das terras de Malange a Loanda*.

A parte que recebemos tracta sebetudo das regiões atravessadas, descrevendo com minuciosidade as plantas importantes, notando as particularidades dos seus productos, ou dos seus troncos, ou das suas raizes, de quaesquer partes onde haja uma propriedade aproveitavel pela carpinteria, pelo commercio, pela medicina.

A obra antemostra-se-nos como de subido valor e aguardamos com interesse o complemento, gostosos de poder applaudir o trabalhador sincero e agradecendo reconhecidos a amabilidade da offerta.

HOMENAGEM



a Antonio Pedro

A comissão encarregada de erigir um mausoleu-tumulo em honra de Antonio Pedro, dirigiu-nos a seguinte circular, que gostosamente publicamos:

Sr. redactor

A comissão exeecutiva nomeada pelos amigos e admiradores do actor Antonio Pedro, em sessão de assemblén geral ao 1.º do corrente, para obter os meios de erigir um tumulo aos restos mortaes do malgrado artista, e de minorar ao mesmo tempo as precarias circumstancias da sua familia resolveu, para começar a desempenhar o seu mandato, rogar á imprensa periodica d'esta capital se digne patrocinar a subscrição publica já aberta para o mencionado fim, consentindo, como prova da sua adhesão valiosissima á meritoria obra, em abrir nas columnas dos seus respectivos órgãos lista para a mencionada subscrição, honrando-a, outrosim, cada um d'elles com o donativo que as illustradas redacções se servirem offerecer.

Sala da comissão executiva, em 2 de agosto de 1889.

Sr. director do jornal.

PRESIDENTE, *Manuel Pinheiro Chagas*;—VICE-PRESIDENTE, *Pedro Wenceslau Brito Aranha*;—THEZOUREIRO, *José Gregorio da Rosa Araujo*;—SECRETARIOS, *S. d'Andrade e Francisco Franco*.

A redacção da *Comedia Portuguesa* declarou já que se associava de todo o coração a festa merecida homenagem e que subscrevia com a quantia de . . . 40500

(Continúa).



O dia de terça feira passámo-lo na Amora. Festejava-se a inauguração da fabrica de vidros, de que são directores Justino Guedes, José da Silva Gomes e os dois irmãos Gilman. Uma tentativa industrial, a que toda a imprensa tem prestado o seu applauso, futurando o mais sympathico resultado. Assim seja; é esse o nosso voto.

N'um *lunch* magnifico trocaram-se brindes entusiasticos em honra da *recem-nascida*. Que ella cresça e se desenvolva e viva por muitos annos e bons para contento e alegria de todos nós.

Alguns dados para servirem de guia aos portuguezes que se aventurarem ao mar largo da Exposição de Paris

(Continuado do n.º 33)



Italiana:

Das mulheres mais gentis e mais encantadoras. Graça, beleza e fogo.

Ha quem lhe conceda a mais rara das virtudes — a fidelidade. Corações inexperientes e sensíveis, poetas, sonhadores, lembrai-vos das filhas da Italia! Ellas parecem aquelle condão supremo dos beijos—o tremôr febril: *a bocca me beijou toda tremente!*

Francesa:

A prata da casa. A arte de amor de Ovidio é um ligeiro compendio elementar, perante os recursos d'um coração francez.

Aimes — dizia George Sand — *il n'y a que cela de bon dans la vie!* A opinião das patricias aperfeiçoou-se. A canção diz: *aimons, hevons, chantons!*

Americana (do Norte):

Branca e louras, em geral. O gelo e o ouro. O ouro nos sonhos, o gelo no coração. Teem a coragem phisica e moralmente a força de regar o coração pelos apontamentos do *cornet* de baile.

Mas... não acordar o leão que dorme...

Chinesa:

Não conheço pessoalmente. Mas pelo calçado que usam são senhoras de pouco base, devem desequilibrar-se muito e cair facilmente.

De resto creaturas que comem arroz e... com dois pássinhos.

Devem ser mulheres para papagaios.

Americana (do Sul):
São em geral de pequena estatura, mas delicias estas fôres das terras de Santa Cruz. Vivas, alegres, amando desde os oito annos, mas chamadas como uma Othello de mais. Um amor com muita planeta e sol.



Ao povo das cidades apparece sempre como profundamente comica a idéa d'uma belleza campezina.

A moda, o artificio, a arte da *toilette* com todas os seus caprichos, todos os segredos da illusão na plastica, dominam-lhe o gosto, a ponto de lhe fazer degenerar em ridiculo um rosto que não seja branqueiado pelo pó do arroz, um collo não envolto no espartilho adstringente. Ha mesmo umas mulheres oficialmente bellas, que passam na admiração d'uma epocha, mais ou menos longa, como rainhas, adoradas, falladas, commentadas, pela elegancia, pela belleza, pela distincção e que artisticamente examinadas são umas anemias enfeitadas a capricho, sem viço, sem força sem frescura.

A natureza não se preocuparia, decerto, em encerrar a opulencia brilhante da carne na atmospha tetida das grandes cidades.

Não se preocuparia, nem se preocupa.

É no campo, na reserva caseira da mediocridade feliz, na paz limpa das consciencias honestas, no placido meio familiar da casa do lavrador, no pequeno claustro d'uma casa terrea, com muita luz e muitas arvores a espreguiçarem-se pela telharia musgosa, que se encontra na pureza virginal das linhas, a belleza natural das carnes, cheias d'uma frescura de pommos, na primeira epocha da sazónação.

Se alguém o duvidasse, ha uns quinze annos para traz poderia justificar-lhe o meu dito levando-o á taberna do Violas, a dois tiros de espingarda da Aldeia Velha.

Éra n'um angulo da estrada a taberna. Por detrás corriam os montes visinhos, os vinhedos rasteiros, em deante corcova-se em ondas negras a ramaria escura do pinhal.

Os frequentadores da taberna, eram, por via de regra, aldeões boçaes, almocreves que descansavam, e chusmas de ciganos, que demandavam feiras.

A filha do Violas, a Juliana, era a mais bella rapariga que tenho visto entre montes.

Cabello negro e basto, olhos negros, pelle branca, uma bocca fresca como os orvalhos, uns dentes adoraveis, um collo tumido e alto, e a respeito de fórmas de pernas e braços, o que ha de mais rigoroso e sensual na estatuaria grega.

A saia curta, a meio da perna, as roupinhas azues de debum escarlate, a altivez do collo, a graça do olhar, o frescor da pelle, formavam d'esta rapariga de vinte annos um typo de verdadeira belleza.

Como ella muitas vezes, no impedimento do pae, enchia aos freguezes o cangirão vidrado do espumoso vinho, e palestrava alegremente servindo as mezas, comprehende-se que não fosse o menor dos attractivos da taberna do Violas.

Entre os frequentadores assiduos que merecem menção, havia o *Russo*, um rapaz alourado, filho d'um lavrador visinho, que possuia boas geiras de terra, e o *Rabino*, um cigano de boas formas, cabellos e olhos negros, tez e rosto queimado, valente, atrevido.

Entre estes dois, oscillava o coração de Juliana, segundo era fama, e entre elles o odio mais perfeito creara pé, em reconhecimentos de rivalidade.

O amor do *Russo* era, porém, placido e delicado; o do *Rabino*. exaltado e aventureiro, como a sua vida de bohemio, cheia de luctas e de revezes.

As coisas andaram assim por mezes: os rivaes espiavam-se mutuamente, a Julianna fazia se arisca com ambos, gosando desvanecida os rancores que accendiam os seus olhos, com esse amor proprio, essa vaidade feminina, que não calcula os perigo, e que arrasta ao ceu como arrasta ao crime.

Os mais sisudos, porém, previam um desastre. Havia entre aquelles homens uma lucta imminente, que o genio do *Rabino* e sabidas proezas justificavam.

O *Russo* disséra um dia: — Se o encontro na horta a conversal-a, como em dia de S. Miguel, dou-lhe um tiro.

O *Rabino* replicára:—Que se lhe constasse de graça egual lhe cosia as tripas com a navalha.



Uma noite, na taberna, a Juliana levou a galanteria a sentar-se ao lado do *Rabino* conversando em segredo, enquanto elle picava o charuto, isto na presença do *Russo*. que na meza opposta jogava a *bisca* com um almocreve.

O *Rabino* aproveitou a proximidade do rosto da rapariga na occasião d'um segredo e deu-lhe um beijo estrepitoso.

O *Russo* levantou o olhar, amarrotou entre os dedos ás cartas sebentas. n'uma convulsão intima, e ferrando os olhos na meza, acabou o jogo.

Acabado elle, atirou sobre a meza umas moedas de cobre para pagamento do vinho que perdera, enterrou até á nuca o barrete felpudo de lã, e silencioso, sem olhar para ninguém, sem *boas noites*, saiu.

O almocreve seguiu-lhe o vulto que desaparecia veloz na clareira do pinhal; o cigano abriu a navalha em fouce e collocou-a aberta ao alcance da mão; a Juliana levantou-se trémula e entrou para dentro do balcão.

Reinou o silencio na taberna. Presentia-se uma desgraça. isto durou minutos.

O cigano accendia um novo cigarro, quando o almocreve distinguio de novo o vulto do *Russo* correndo para a taberna. O luar incidindo no objecto, que trazia suspenso na mão direita, fel-o brilhar como a prata.

O almocreve recuou instinctivamente: o *Russo* trazia a espingarda.

—Se tens amor á vida, *Rabino*, disse elle, rapidamente ao cigano, não saías.

—Porque? replicou este pondo-se de pé e agarrando a navalha.

—Espera-te o *Russo* e está armado. E saiu.

O cigano olhou pela porta. Peior para elle, disse fanfarroamente, vae-lhe custar cara a idéa. E chegando-se ao balcão: não faças esse olhar de medo minha corça, dá-me mais vinho e mais um beijo, para ter coragem. A Juliana deitou-lhe machinalmente vinho no copo, elle furtou-lhe um novo beijo e caminhou para a porta.

Ella correu-lhe ao encontro: não saía.

—Eu? Nunca me assustaram os lobos do matto.

—Elle mata-o.

—Não se acaba assim um homem vivo: e caminhou para a porta.

Ella correu a pôr-se lhe na frente quando uma labareda explosiu d'um massiço de verdura lateral.

O *Russo* desfechára!

A Juliana oscillou e caiu, com um punhado de razagalotes nas costas.

O olhar do *Rabino* luziu como um olhar de tigre ferido e o cigano saltou d'um pulo de leão o espaço que o afastava da moita.

O *Russo* fugira do sitio; pegou pelo extremo do canno na espingarda e bradou-lhe saltando ao meio da estrada, batida do luar:

—Olá, ladrão de cavallos e de mulheres, se queres brigar com um homem larga a navalha que eu largo a espingarda, senão vou rachar-te a cabeça contra um cepo de pinheiro.

—Ah! rugiu o cigano pelo inferno que te vou rasgar a lingua, e atirou-se a elle.

O *Russo* era um jogador de páu.

Deu um salto para traz, ensarilhou a espingarda, poz o cigano em mira e em distancia.

Este, cego de raiva, precipitou-se novamente, atirando como um raio a navalha ao peito do *Russo*.

A espingarda porém varreu a navalha e volteando n'um zunido cavo, respondeu estalando a coronha na cabeça do cigano.

O *Rabino* caiu redondo.

A taberna do Violas é hoje ainda uma locanda arruinada junto á estrada real, que atravessa a aldeia. Isto foi ha quinze annos.

O pobre homem envelheceu a correr, desde a morte da filha; o mau nome da casa afugentou os freguezes, empobreceu-o de todo.

Quando o verão passado me dessedentava, depois de aspera caminhada atraz das perdizes, sentado no poial de pedra, que olha para a nova estrada a macdam, e ouvia pela decima vez a historia que acabo de referir, passou por deante de nós um carro magnifico de oito molas, onde um homem louro, ao lado de uma mulher nova e bonita, sorria a dois *babys*, que gargalhavam na almofada fronteira.

—E' o dono da Quinta das Lapas?

—E', disse me tremulamente o Violas.

—O barão de que? disse eu.

—Não sei; ah! elle é barão? replicou lugubrememente o velho; não sei, para mim é ainda o mesmo, com uns annos na Africa, é o homem que matou a minha filha! é o *Russo*!

—O *Russo*? disse eu e olhei o Violas. Pela face tisonada do velho corria silenciosa uma lagrima enorme!



O que caracteriza para mim, que o não ouvi mas que o tenho lido, a eloquencia forense de José Estevam, é o estremado caracter pessoal em que se baseia. A profunda impressão que a sua palavra produzia se pode attribuir-se em grande parte á maneira de dizer, á altivez do gesto, á soberania phisica do oradôr, tenho para mim que sobretudo derivava das qualidades pessoais do oradôr—a honradez e a valentia.

Não conheço mais superiores dotes para exaltar um caracter, nem sei

de mais levantadas qualidades que imponham o respeito e arrastem á convicção.

José Estevam era verdadeiramente um oradôr parlamentar. Simples ou energico, claro sempre, de palavra facil, corrente, cheio de ideias, tendo um fim, uma norma, uma crença profunda, a consciencia do seu valôr e o justo orgulho dos fortes que se conhecem de consciencia limpa. Era um altivo. Revella-se nos seus discursos que formára pelo estudo o alicerce das suas convicções; que cada vez que fallava, cada palavra, cada periodo pertencia ao professor abalizado ou ao guerreiro intemerato. Não é a alma d'um homem que falla armando á populariedade, ao applauso banal, á conquista d'um logar, d'uma ambicção, d'uma renda, é a alma da patria que clama aos ouvidos dos homens de cujos cerebros hão-de emanar as leis dos seus destinos.

Quando elle fallava, fallava a dedicação, a coragem, a honra. O homem conseguia eclipsar-se atraz dos attributos grandiosos e o verbo inspirado no amor sagrado da patria rasgava fundo nas couraças do prejuizo, do egoismo ou da venalidade.

Como elle disse de Garibaldi, assim elle era. De Garibaldi nota o esquecimento de si proprio, a consubstanciação

com a Italia, o esquecimento do seu ser, o desconhecimento do proprio valor, a confundir-se com a patria, a perder-se n'ella, de modo a confundir as duas vidas e exclama: só assim se é grande!

Fazia o seu proprio panegirico o grande oradôr, o grande patriota. Elle fazia com a palavra o que Garibaldi operava com a espada: a conquista

da unificação portugueza pela communiidade da edeia. Quantas batalhas venceu! Quantas glorias!

Os discursos de Garrett são superiores pela forma, pela elegancia, aos de José Estevam. Porque ficou na tradição inferior ao vulto d'este ultimo o auctor da D.

Branca? Elle combatera pela liberdade, emigrára tambem.

Fallava magnificamente, tinha uma bôa figura, talento á farta, erudição e engenho. Porque então a fama do oradôr, esmorece ante a reputação inabalavel de José Estevam?

Faltava-lhe a tempera dos fortes, dos intransigentes, dos velhos portuguezes d'antes quebrar que torcer.

Amaneirara-se nas salas, no convivio feminino perdera aquella altivez de caracter, tão perto da rudeza, que marca os grandes caracteres e que os impõe do respeito dos contemporaneos e á veneração dos vindouros.

Quando o padre Bridaine, notavel missionario, prégou a primeira vez deante da côrte, não posso precisar de que rei de França, escarpelou-lhe os vicios e vesgatou-lhe os actos de modo que fez o pasmo geral a audacia do pregadôr. Um Bossuett um Fenelon teria perdido a mitra; Bridaine elevou-se perante o rei, impoz-se, ordernou do alto da sua pequenez, da sua virtude, da sua consciencia limpa, da sua modestia gloriosa de pregadôr humilde que só tinha—como elle começou por dizer—até alli, pregado em templos cobertos de côlmo.

Foi simples e vigoroso, claro e audaz como são os valentes de espirito, os crentes, os limpos.

Tal me parece o segredo da força da eloquencia de José Estevam.

Leio-o e encontro sempre a nota pessoal: *Eu fit, nós fitemos, eu quero, nós queremos.*

Guardai para vós as honras, os logares as mercês, mas segui a minha opinião, porque creio ser a razão, o direito, a justiça.

Esta é a minha opinião, cimentei-a no convivio dos melhores pensadores e dei por ella o meu sangue!

Fallo com a altivez e a independencia da minha honestidade: concedo-vos a exame da minha vida privada, podcis consultar a minha bolsa!

Isto sim que são razões! Esta linguagem entra no coração, convence, arrasta, impõe-se, domina!

Sem artificios, o grande orador, sem molas occultas. Argumento responde o argumento, razão a razão, sem rodeios, sem palavrado, sem flôres. Flôres sedicças é claro; que de resto a phrase é por vezes elegante, mas sem pretenções, sem preocupações de ferir pela sonoridade, occultando o vasio do conceito. Energica sim; incisiva, cortante, precisa.



A mamã: gravidade, compostura e Pezo.
A grande dificuldade da vida é conservar a linha.



Detesta as capas. O marido, porém, dispensando-a do cioso vestuário, não lhe dispensa o lençol. Sempre encobre alguma coisa.



Typo da cidade. Côr local. Ausência de prejuízos. A mamã tem a seguinte opinião: O casamento é um contracto, quem compra quer saber o que leva: a exposição da mercadoria é um elemento do agrado e por tanto de venda.



A burocracia dispeptica.



A nadadora. Fanática pelo mar. Perante elle, terra, olhares, commentarios, desaparecem. O mar! um leito enorme, flaccido balouçante, que roça a pelle irritando-a do cemento. Um leão que se domina e que nos a mythologia acha pouco!



O pudor de calças

Juliano Machado

Vinha-lhe da alma, não lhe nascia nos labios: tinham de o ouvir, arrastados pela nobreza dos sentimentos, pela elevação da ideia, pela grandeza dos conceitos e tinham de o applaudir por aquella força invencível de que dispõem os convictos, que se estriba no fogo da linguagem, na altivez do verbo, na arrogancia do gesto.

Quem ha hoje entre nós, nas nossas camaras capaz de transformar uma votação antecipada? Pois ha por lá quem falle tão bem ou melhor que José Estevam. Todos deleitam, mas nenuhum convence; todos agradam mas nenhum arrasta.

A camara cômpe-se de Garretts.

E' uma camara artificial. Usa chumaços nas pernas, idiotismos francezes, faz das discussões um exame de rethorica, tem idéas e cabelleira postiças.

Como se vê bem a differença e como a comparação é preciza se nos lembrarmos dr calva magestosa de José Estevam.

Viam-se-lhe as qualidades politicas com as qualidades moraes.

Não tinha cabelo, não o occultava e nem por isso foi menos nobre e altiva a sua cabeça veneranda.

Mas, coisa curiosa, passam annos e sabem v. ex.^{ta} porque ninguem faz caso, senão para sedivertir, dos discursos dos nossos oradores? E' justamente por terem todos a calva á mostra!

Em verdade vos digo que é este um dos defeitos para que não ha chinó que assente na therapeutica da opinião honesta!

E' possivel que me engane no juizo que faço sobre o grande orador; mas o que é certo é que o *faz o que elle diz e não o que elle faz* morreu ha muito perante a nossa complacencia e que se impõe mais um grande e generoso exemplo do que dezenas de discursos, inda que possuam o conceituoso atticismo Vieira ou a elevação esmagadora d'um Demosthenes.

MENDO.

Portugal na exposição de Paris



Apresentamos hoje aos nossos leitores o desenho de um dos mais primorosos trabalhos da gravura que temos visto, obra do sr. Cactano Maia, considerado hoje, e com toda a justiça, o primeiro gravador portuguez.

O trabalho a que nos referimos, e cujo desenho acima publicamos, é a mais digna commemoração da grandiosa homenagem feita pela capital em honra do glorioso ministro de D. José I, em 1882. Esta medalha commemorativa é gravada em relevo e com a maior nitidez em todos os seus minuciosos detalhes. E' offerecido pelo seu auctor á cidade de Lisboa.

Pelas ultimas noticias vindas de Paris consta que o distincto artista foi premiado com medalha d'ouro.



Decididamente a questão do rejuvenescimento está preocupando os cerebros de alguns homens de sciencia.

E, verdade, verdade, não ha assumpto mais importante, nem tão altamente sympathico, porque ninguem, por muito *blasé* ou muito cansado da vida, se conforma com esta triste ideia, que nos assalta ao despontar o primeiro cabelo branco: envelhecer.

Depois de Broron—Séquard apparece agora o dr. Malinconico a declarar que descobriu o microbio da velhice e que procura realizar este grande problema—*matal-o*.

Por Deus, illustre sabio, ponha-lhe o pé em cima, trinque-o, esmigalhe-o, esborrache-o, sem mais cerimonia, sem mais considerações, que nós todos cá estamos para o applaudir com todo o entusiasmo possivel...

Não ser velho, não embranquecer, não ter achaques, conservar sempre o frescor da mocidade, no espirito e no corpo, manter sempre a mesma linha, o mesmo aprumo, a mesma elegancia, a mesma côr, sem recorrer ao carmim, á agua circassiana, ás fricções, eternamente joven e eternamente bello!... mas não ha melhor ideal, sonho mais côr de rosa, phantasia mais encantadora...

Apressem-se, por quem são, ó grandes benemeritos, para que todos nos possamos aproveitar a tempo de tão maravilhosa descoberta e possamos resistir ao microbio, quando elle tente cavar-nos nas faces a primeira ruga...

Que de transformações a realizar por esse mundo, santo Deus!...

A velha heroína dos salões de 1820, que por ahi passa covada, coberta da neve dos tempos, os seios carcomidos, o rosto descórado, com tabaqueiras e rosarios, sem appetites, sem ideaes, lembrando, quando muito, no meio das suas orações os peccados que outr'ora commettera, eil-a, em breve, depois de esgotadas algumas taças do precioso elixir, voltar á idade do amor, do prazer, da voluptuosidade, perfumarem-se-lhe os labios de doces ambrosias, readquirir nos olhos o brilho das estrellas, arquear-se-lhe o collo, dourarem-se-lhe os cabellos, rozarem-se-lhes as mãos, adelgaçar se-lhe a cintura e cantarolando a canção alegre da mocidade, disputar por essas ruas e por esses salões o coração do primeiro que a apeteça, que a fascine, que a seduza... Será como que um renascimento para a vida, depois de ter hibernado tantos annos,

encontrar em seus braços quem lhe segrede as boas palavrinhas do amor, quem lhe enxugue entre beijos ardentes as lagrimas do muito que padeceu...

O que os taes sabios vão fazer, que revolução medonha, se elles conseguem dar cabo do microbio da velhice, conservar a frescura a quem a tem e restituil-a a quem a perdeu.

O' loiras Margaridas, não zombeis de qualquer velho que vos corteja, porque a lenda de Fausto vai transformar-se n'uma pura realidade... Ides vel-os, sem mysterios do alçapão nem musica de Gounod oferecer-vos graciosas, o seu amor, o garbo dos seus vinte annos, apaixonados e ardentes e lascivos como qualquer gato na flor da idade...

Poetas decadentes retomarão as suas lyras e as suas cabelleiras, e virão, de novo, sob os balcões das suas bellas, entoar alegres serenatas,

soltar lubricas endeixas, pedir que desçam as suas escadas de seda para elles treparem apressados e febris...

Vai ser um gaudio enorme para os conselheiros aposentados, porque elles voltarão á effectividade, com o desembaraço de quaesquer aspirantes; generaes na disponibilidade sentir-se-hão dispostos a atacar qualquer reducto, por mais perigoso que elle seja, por maior resistencia que elle offereça; bons burguezes, para quem o unico prazer estava na busca ou no burro em pé antes de se recolherem, indifferentes e insensíveis aos seus thalamos; hão de correr, pressurosos, a comprar dois decilitros do nectar, que os ha-de transportar á sua lua de mel, mandando ao diabo o jogo innocente.

Abençoados serão, por todas as avósinhas, esses dois heróis da sciencia, se elles conseguirem reconquistar para as suas faces as rosas que tinham emmurchecido e para o seu espirito a *coquetterie* que se lhe tinha apagado.

Ellas irão de joelhos á Graça, jejuarão oito dias, offerecerão uma vela ao Senhor dos Passos, quando tiverem a certeza de que arrancando ao seu vestido o mais petulante dccôte encontrarão, sobre a mais fina brancura, a graciosidade dos dois botões de rosa, que ellas haviam perdido...

Que delirio enorme... e que enorme inferneira!

C. de Moura Labral.



AOS SRS. ASSIGNANTES E CORRESPONDENTES

Durante a ausencia temporaria do nosso director-gerente, o sr. Silva Lisboa, que se retirou para Paris, toda a correspondencia deve ser dirigida ao novo gerente interino o sr. Victor Lisboa.



COM TODA A GRAVIDADE
E COMPOSTURA.
DIGNAS DO ESTANDARTE.

O cortejo civico de quinta feira foi o divertimento da população que encheu as ruas do trajecto, endomingada mas indifferente. Era um dia sanctificado e como não houvesse que fazer e nada de melhor para passar a tarde, o alfacinha desceu á rua sem entusiasmo, mesmo sem curiosidade, um risinho ironico nos labios e o palito do jantar ainda nos dentes. E o cortejo—(apezar dos boatos *assustadores* que corriam)—passou... sem novidade.

Succederam-se as aggremações estandartes de setineta e velludilhos de todas as côres, com inscrições bordadas a ouro, a prata e a missanga devidindo grupos respeitaveis em que predominavam sujeitos de mellenas oleosas e barbas por fazer, deitando para as janellas olhares desconfiados de pessoas postas em evidencia pelo acaso, sem uniformidade, sem caracter, sem o aspecto nobre e seguro de quem sabe que está cumprindo um dever, andando mal, o corpo bamboleante ao som das marchas reles dos sol-e-dós.

José Estevam agradeceu commovido todos os vivas que lhe foram levantados e escutou com a mais heroica serenidade todas as marchas que os sol-e-dós seus admiradores tiveram a gentileza de lhe fazer ouvir.

E assim acabou a apotheose ao grande tribuno. São terriveis n'este paiz os sol-e-dós!

O PADRE ANTONIO D'ALMEIDA

(YULGO O PADRE ANTONIO DAS CALDAS)



Ó tonsurado pulha ó ultimo canalha,
Em vez de lingua tens na bocca uma navalha.
G. JUNQUEIRO

Gravar nas paginas da *Comedia Portugueza*, o protesto da dôr que nos assaltou perante o desgosto de Julião Machado, o nosso brilhante collaborador artistico, será banal perante elle attenta a sã amizade que nos une.

Mas a sociedade tem convenções que é preciso respeitar e mal nos iria se no jornal que elle abrihanta com o seu lapis, não apparecesse a confissão da nossa magua tão sincera como inutil.

Renovamos pois, publicamente, o abraço de pezames que intimamente lhe demos.

Elle o acceitará como a expressão mais sincera de quanto patilhamos os seus desgostos e pezares.

O PADRE ANTONIO

(Em resposta ao artigo—Carta das Caldas—publicado no *Correio da Manhã* de 22 do corrente, assignado pelo Ermittão do Senhor da Pedra, como réplica aos artigos criticos de *Mendo*, publicados nos n.ºs 43 e 44 d'este semanario.

A *Comedia Portugueza* tem de dispensar-me hoje excepcionalmente as suas paginas para uma questão pessoal e desculpar-me a irreverencia da phrase, como a rusticidade da lucta. Mas sahio-me, na estrada, um arreeiro bebado, vomitando injurias e ameaçando-me o corpo com uma navalha de ponta e molla, envenenada,—a penna que molhou na lingua!

Desprevenido, desarmado, tenho de visar-lhe o corpanzil oleoso com as pedras do caminho e atirar lhe ao carão jogresco toda a lama que lhe encontrar na vida, a levar-o abaixo na legitima defeza prevista pelo codigo. A lucta não primará, antesinto-o, por limpa e delicada; mas a nobreza do combate parte de antagonista e é assim que ninguem conseguirá esborrachar um sapo entre as mãos, sem manchar o fato e enodoar os dedos! Tal é o meu caso.

A baixeza do inimigo obriga-me a descalçar a luva e arregaçar a manga.

Peço venia.

Meu fadista de c'roa, apostolo de Alfama,
Deviam por-te ao peito uma gran-cruz de lama.

(G. JUNQUEIRO)

O leitor leu ambas as partes? Bem.

Eu não posso acompanhar este Camillo de barro de penicos caldenses, na dança macabra d'um estylo grotesco, com máu cheiro de classicismo, prenhe de sonoridades ôccas, de reviravoltas, patusco e barbaro, a sahir arripiado de periodos desconexos, vasio de grammatica, mas rechejados de insolencias, de insinuações, tórpes como o character vilissimo do Iscar iote plumitivo.

E' um classico, elle, o pelitrapo das letras, o bandalho escrevinhador de vilezas!

Assim se julga, assim o diz: julga-o por aquella estupidez do asno que se emproa para cavallo arabe, porque lhe consentem atravessar o sertão com a comitiva e, dil-o por aquella immodestia, com que se arrogam encomios, todos os vaidosos perante os que julgam inferiores, todos os pulhas quando fallam da sua honra!

Mas o leitor hade ter a coragem graciosa de ler as minhas parvoçadas, como elle tão delicadamente alcunha os meus escriptos, na fé de que se o não alcanço na formusura quinhentista da phrase, tenho em compensação força para o agarrar pela gorja, estatelal-o na lama e desconjuntar-lhe a carcassa ignobil cheia de podridões e fedôres.

Eu sei que vai gozar a galeria; mas é indispensavel. E' a primeira vez que me vejo forçado a descer de medico a alveitar para autopsiar a besta d'um padre. O coiro d'este reverendissimo é porem molle e encontro-me na facilidade de o desfazer a pontapés, o que me garante o gasto d'uma tombo menos elevado do que a substituição d'uma lamina.

Ouçamol-o pois. Elle começa:

«Bisgarotou o esfuziote; revergasto-lhe a lombada, retumbante e aguentadora como tambor n'uma festa.

—Tourada n.º 2. Touro o mesmo: sortes e garrochadas mais uma.—»

Recambio-lhe a grammatica e a linguagem de bordel para a sentina da bôcca e expremo o sentido, que commento. Nunca tive com este homem a mais leve discussão; nunca me constou que se tivesse dirigido a mim, agressivamente, por qualquer modo. Ha pois aqui uma asserção velhaca, uma basofia gratuita e canalha.

E' uma reproducção da maneira porque o cobarde referiu, nas Caldas, perante um amigo meu, a causa da minha critica primeira.

Elle disse: dei-lhe um dia duas bofetadas, no *Cartaxo*. Alguem sabe d'isto, alli?

E' um valente por imaginação, ao longe.

O leitor está a perceber o homem?

Agora vai entrar pela minha vida privada. Manha de confessorario. Era de prever. Fallo ao escriptôr, dirige-se ao homem.

Não o receio, entre, que eu não largo o chicote, conheço os desinfectantes e sei expremar um tumor!

«—Germinou no *Cartaxo*; avantajou-se em crescenças lá por onde calhou; e d'ahi replantou-se no torrão natal, carregado das glorias de poetastro, e das raposas da cábula airada.....»

«D'ali o desarreigaram umas tempestades trucidantes e enoadôras, fauôtoradas por uns ventos de vaidadosismos que elle por lá semeou.

Contos largos... serão contados a seu tempo; nanja que eu cuide de molestar com isso o meu *aristarco* de aza de mosca, porquanto é elle d'aquelles a quem o pé não pesa uma onça..... nem o pondunor tambem.»

Assaca-me de glorias de poetastro. Cito-lhe a opinião a meu respeito do sr. Pinheiro Chagas, que elle reconhece como mestre e que escreveu de mim:—poeta distinctissimo, etc. (*Jornal de Domingo* n.º 16 julho 82).

Vá embuchando, seu biltre!

A respeito de rapozas, o mesquinho aproveita-se de duas reprovações, que soffri, em preparatorios, crendo rebaixar-me. E' d'uma pulhice tão pequenina que faz nauseas.

Nada significa perante o merito de qualquer, uma reprovação que pode ter milhares de causas. Os maiores homens do nosso paiz nunca tiveram cursos. Mas o bandalho esquece que são as acções da vida que justificam o valôr. D'outro modo Christo, morto ignominiosamente, teria ficado como um vadio turbulento, um ladrão, um mariola, muito inferior inda assim ao seu estanhado levita!

Desarreigaram-me de lá umas tempestades trucidentes e enoadoras... o que não admira, accentúa o canalha, porque eu sou dos que não me peza o pé uma onça... nem o pundonor.

O sevandija affirma. Nada mais facil.

Alguma coisa fica sempre da calumnia, elle o sabe e aproveita-o.

Compete-me negal-o, naturalmente; mas a fôrça da minha negação só terá um verdadeiro valôr quando o leitôr tiver conhecido, completamente, o estôfo d'este mastim de passall! A resposta vai portanto no fim.

Mas, continuemos a observar o pandilha:

— Na furia do pinotear, zurrão e arrebicado, girando coices para todos os lados, lá atira contra vós, P. Chagas e tudo. —

Está a pedir auxilio, a introduzir a personalidade de P. Chagas, onde ninguem a chamou, a tomar-lhe o braço, sem reparar, o pôrco, que estraga a sobrecasaca do illustre escriptor com as nodoas da batina e que o colloca na contingencia de passar por rufião malandro attenta a publicidade da companhia.

Mas não o larga, o cão tihoso, vejam:

— E vejam lá como a gente cáe das alturas das nossas prosapias de vernaculismo mal nos embate a rajada garrulla d'aquelle tufão de parvoçadas!

— E anda por ahí o mestre, o sr. P. Chagas, a dizer que nos conta no numero dos sãos e escorreitos de emporcalhamentos na vernaculidade, para que, um dia, o tolejar d'um enraposado nos *trambólhe* do accumesinho de glorias.!

E' para morrer a rir o lèr-se este classico de cebo de Hollanda, pera não dizer d'outra coisa!

Elle é escorreito de emporcalhamentos na vernaculidade! Ora vejam! Uma vernaculidade emporcalhada deve ser coisa curiosa de ver. Tambem será a unica coisa que não emporcalha — o sujo —!

O sr. Pinheiro Chagas, que veja onde leva a xagerada de icadeza. A mim, faz-me rasgar a pagina da carteira, onde guardava, vaidosamente, o seu louvor, na incerteza de que o ditasse a criminosa amabilidade que faz d'um estrambotico escriptor de sujas maravilhas, um Bernardes ou um Lucena: a elle, revoltou-lhe a mioleira, ensandeceu-o, a ponto de ter o desplante de se nos apresentar, como escriptor, elle que está para a escriptura, como um caiador de chaminés para a pintura a oleo, elle que faz da penna, arma gloriosa dos Hugos e dos Littré, o piaçá-hyssope, com que asperge a asneira depois da meditação, com que asperge a calumnia depois de lhe servir na lavagem dos dentes!

Eh! lá, classico escriptor d'Alfama, rua!

Depois chama-me larvado e aproveita com uma finura digna de cão de esgotos as minhas iniciaes para me chamar matulão, maluco, malandrim, mondongo. Está a gente ao ver-lhe a bôcca aberta a expectorar estes *classicos* e gratuitos epithetos, como que a assistir ao esvasiar d'uma fossa de despejos a que levantaram o taipal!

Vão lá ter-lhe mão! Rhodano da grosseria, bôcca de ouro da immundicie, despeja-te! e que Deus proteja do teu bafo os vermes da terra e as aves do ceu, que não tem culpa!

Pretende, em seguida, dar-me uma lição de grammatica.

Releiam-n'a e vejam se este classico me não sahiu uma destemperada e pedantissima besta!

Depois de me mimosear com mais uns epithetinhos classicos manda me para a sala dos cães. Uma nota que nos aclara a sua vida intima. Em casa d'este classico ha uma sala para os cães e uma possilga para o domno!

Estão nos seus logares!

Como nada mais se contem digno de menção no apontado epistolar do troca-tintas, resta-me, para minha defeza moral de apresentar ao leitor a discripção completa do bruto, de que o leitor possui já um ligeiro esboço com as qualidades de pedante, de malcreado, de ordinario, de mentiroso, claramente revelladas na analyse feita.

Mas ha mais e eu ao revelal-as pretendo apenas annullar, absolutamente, todo o valor das palavras escriptas pelo patife canonico e estou, fazendo-o, mais do que exercendo um direito estou cumprindo um dever.



O homem das salas. — Ninguem conseguiu jámais ve-lo decentemente vestido, ou decentemente sentado deante de uma senhora.

D'uma grosseria revoltante no fallar, ordinario nos ditos, que ruma na supposição de finissimos conceitos, provoca o asco que impiram os pretenciosos intrusos d'um meio superior onde lhes veda a posse justa d'um logar a inferioridade moral, que só se occulta n'uma natural distincção ou só annulla uma educação subida.

Appello para todos os frequentadores das Caldas da Rainha.

Nunca o lá vi; mas muitas pessoas m'o teem pintado, como tão bem o adivinhava, levado pelo conhecimento d'aquella sua delicadeza que o fazia tratar, em casa de Rebello da Silva, no valle de Santarem, por *cavalgaduras*, umas senhoras que tinham descido ao jardim sem o prevenirem.

— Phrase da besta: *ó suas cavalgaduras vieram para baixo e não disseram nada?* Uma gentil senhora, hoje casada com um distincto official de artilheria, sorrirá, ao lèr-me, se se lembrar da correção immediata que applicou ao desconchavado alarve.

Inda este anno, nas Caldas, porque uma senhora se recusou a cantar immediatamente ao seu pedido, o delicadissimo camello, exasperado, vociferou: — *pois não cante, não gosto que ninguem se exprima por minha causa.* E na correspondencia immediata, para o *Correio da Manhã* (julho ultimo), descrevendo um sarau, diz, d'esta senhora: — que se negava a cantar bem pouco eorrectamente.

Não se pode ser mais cobarde como homem, nem mais evangelico como padre. Depois da brutalidade a hypocrisia: pediu, dias depois, perdão, alcunhando se de doido! Faz differença: elle queria dizer malandro mas acanhou-se. N'alguuma coisa ha de ser modesto o patife.

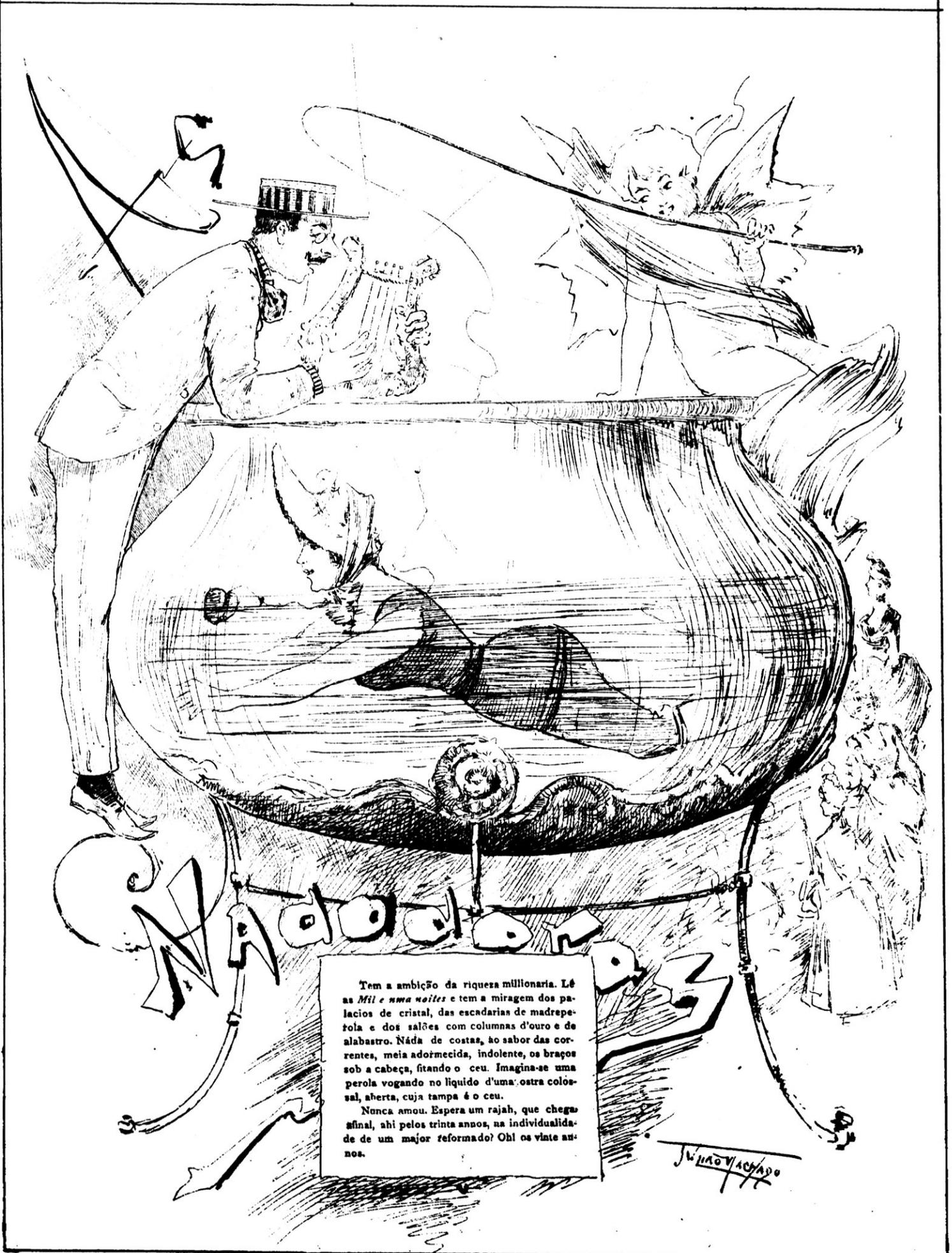
E' um cumulo de pedantismo, o nullo.

Elle prega como Malhão, monta como o Marquez de Marialva, atira como Julio Gerard, (ou um cavallo ressaivado) canta como Francisco Andrade, toca piano com Listz, escreve como Fr. Luiz de Souza, joga o bilhar como Nicolais, veste como Bukingam, e é pulha como mais ninguem!

Tem a caveira cheia das convicções relativas a todos os predicados, exceptuando o ultimo, que lhe está na consciencia que elle não confessa, de que se não gaba, como dos primeiros, mas que é o unico verdadeiro, o que não tem discussão, o que é axiomático, aquelle de que elle poderia vangloriar-se, o bandido, porque a natureza quando quiz escarrar cuspiu-o a elle!

Estas e outras qualidades gentilissimas fez que se lhe fchassem successivamente todas as cazas onde era recebido, cavalheirosamente, no Cartaxo.

No club, a falta dos mais rudimentares preceitos da educação expulsou-o de todas as mesas de jogo, porque nenhum socio queria collocar-se na collisão de ter de supportar as suas grosserias insolentissimas, ou de lhe dar com as cartas na cara.



Tem a ambição da riqueza millionaria. Lê as *Mil e uma noites* e tem a miragem dos palacios de cristal, das escadarias de madreperola e dos salões com columnas d'ouro e de alabastro. Náda de costas, ao sabor das correntes, meia adormecida, indolente, os braços sob a cabeça, fitando o ceu. Imagina-se uma perola vogando no liquido d'uma ostra colossal, aberta, cuja tampa é o ceu.

Nunca amou. Espera um rajah, que chegue afinal, ahí pelos trinta annos, na individualidade de um major reformado? Oh! os vinte annos.

Júlio V. Machado



Nadar n'um mar de rosas.



Nadar entre duas correntes.



Nadar em secco



Nadar com bola de salvaço.

Corrido de todas as mezas, o sem vergonha, abanca-va junto do primeiro parceiro e intromettia se no jogo, de tal modo inconveniente, que afinal ninguem ousava jogar sem que soubesse primeiro se o homem estava fóra da terra.

De lingua audaz e pouco commedida alcançou alienar, uma a uma, todas as sympathias a tornar-se um pezadello vivo, um motivo de mal estar para a villa inteira. Offendia os menos melindrosos o seu pedantismo revoltante por injustificado; melindrava todos os convívios o calão, a phraseologia grosseira do que havia de ser, mais tarde, rival dos vernaculos desemporcalhados!

A villa do Cartaxo viu-o sahir com prazer.

Tal é o homem: grosseiro, insolente, ousado com senho-ras, incapaz de sociabilidade limpa, aggressivo e pedante.



Vejamos o padre.

Veio para o Cartaxo como coadjutor da egreja parochial. O parochio era o que de melhor tenho conhecido em padre. O verdadeiro pastor d'ovelhas, bom, caridoso, sanctamente jovial. Bom e santo velho a quem o trabalho assiduo de quarenta annos de virtuoso e ininterrupto serviço de Deus, aquebrára e cançára. O nosso heroe veio para o coadjuvar, para lhe poupar as longas marchas aos cazaes distantes, os serviços asperos das longas caminhadas. Acrescera ao prior o trabalho com a nomeação, em reconhecimento de suas virtudes de Vigario da vara. Sobrepujava-lhe de muito ao tempo o trabalho. N'estas condições chegou padre Antonio. Pois bem: caçava ao longe todo o dia; ausentava-se sem dar cavaco algum por dias successivos, de modo que raras vezes era encontrado quando era chamado. O bom prior desculpava-o sempre,—que era rapaz, dizia. Roubava assim o ordenado ao povo que não servia e sobrecarregava o bom velho com o trabalho de o aturar, sobre o desconsideravel abertamente pela nenhuma importancia que lhe ligava, como superior, n'um exemplo recommendavel de humildade christã.

Se doença do prior o obrigava a dizer a missa conventual, chegava sempre tarde, como os policias de opereta. A demora era quasi sempre bem justificada. D'uma vez quando o povo farto de esperar se espalhava pelo largo, vociferando, apparece elle vestido de campino de vara ao hombro, suado, de barrete, jaleca e cinta. Encosta o pampilho á porta da egreja, entra por ali dentro, veste sobre os calções, alvas e azulas, engrola a missa em dez minutos, despe azulas e alvas, remonta e elleahi vai á procura do ultimo toiro que se estramalhára. E o povo sorria d'este maioral de corôa que arrebanhava toiros com a mesma facilidade com que estro-piava missas.

No entanto o hom do velho prior trabalhava até á madrugada, vergado sobre a banca, a lavar assentamentos, a despachar requerimentos, a responder a officios. O coadjutor divertia-se.

Usava, contra a regra, o cabello muito crescido e a corôa pequena e descurada de modo a poder occultar-se e ornavam-lhe o rosto trigueiro uns matações atrevidos. Esta ornamentação symbolica era o protesto contra a escravidão elibataria, a revelação de sympathia pelo mundo. Servia-lhe quando tinha de jantar com algumas damas de aluguer, mandadas vir de Lisboa, para alegrarem o toast de jantares epilogos de caçadas; ou para se pavonear nas salas, fazendo esquecer a castracção moral em que a egreja o açaimava.

Sortia effeito a caracterisação. O padre justificava as fumaças de conquistadôr. Assacaram-n'o de mancebias escandalosas, que os seus actos justificavam completamente. Teve varandas e Julietas, não desdenhava, como se viu, das Gauthier, oriundas de Cordova ou de Sevilha, e porque não deixe duvida a verdade do que affirmo, porque não seja poncto controverso o ultimo rebaixamento moral d'este homem, o pulhismo revoltante de padre, eis uns trechos d'uma carta das Caldas que recebi poucos dias depois da primeira critica:

—Excellent, merecida a critica ao pseudo Ermitão. O homem deu peixe. Não se falla aqui n'outra coisa. Attribue a troça ao Dr. F... que diz que o conhece de perto e já o apresentou como protagonista n'um conto, a proposito d'uns amores com que o iam fazendo apostatar!

Como ninguem adivinha, conclue-se que anda a gabar-se pelas Caldas, o bandido, das vergonhas que devera calar.

E' o cumulo do cynismo.

Mas o que ressalta mais frizantemente da carta é a confissão da apostasia imminente, na bôcca d'um padre.

Espantosa de conceito, profundamente moralisadôra a nota do marmanno. Dá-nos a bitola das suas convicções, a altura da sua crença. E' padre como podia ser trapeiro.

Apostatava. Tirem todas as conclusões que se devem tirar d'esta affirmacção d'um ministro de Deus e digam me se fica na religião alguma coisa a respeitar ou a crêr.

Jámais a bôcca d'um homem tem pronunciado com mais verdade o *Domine non sum dignus*, preparatorio da communhão; porque metter Deus dentro do peito d'este padre, onde a sua accettazione depende apenas da falta d'amor graúdo e da necessidade da congrua, ermo de todas as virtudes sociaes e christãs, pleno de todas as vis paixões, equivale a mettel-o n'uma cavallariça!

Sua Eminencia já de uma vez lhe suspendeu as funcções. Ignoro a razão; mas parece-me poder concluir que não foi por demaziado zelo no desempenho das obras da misericordia. Restituindo-lhe os fóros de presbytero, sua Eminencia decretou o sacrilegio!

Uma ultima nota de dezenas que havia a explorar, n'este sentido.

O padre galanteadôr, tem-se escripto com diversas senho-ras, casadas e solteiras. E' n'esseo um pedido que se não esquece de fazer a todos os que, ingenuamente, o tomam como digno. Ha familias que, na boa fé, consentem a correspondencia.

A uma menina de Lisboa escreveu elle, perguntando-lhe ella por mim, umas calumnias infamissimas acerca do meu viver, no Cartaxo.

Um parente d'essa senhora, meu velho amigo, foi n'um dia ao Cartaxo prevenir-me. Fiquei sciente.

Eu não podia mostrar-me sabedor do caso, era um segredo.

O malandro sagrado entupiu, agora; só agora sabe tambem que lhe sei da acção.

O inclito velhaco de mais sabe que durante os dois annos em que fiz clinica no Cartaxo fui o mais desinteressado dos medicos, como pode provar-o o livro dos meus credores; não ignora que seguí, na minha posição, o mais elevado caminho, que fui em todas as casas onde entrei o mais serio respeitador da dignidade alheia, o mais attencioso com os ricos, o mais delicado com os pobres.

Ha ahi, n'essa terra, alguém que o negue? Alguém que haja que o venha declarar; que venha dizer se na minha vida publica ou privada (até esta lhe concedo) haverá algum acto de que resulte descredito para o meu nome, que me noscabe o orgulho que sempre possui, que sempre mostrei e que tanto offendia os sendeiros sujos, os reles vilões da laia do padre que n'este momento esfolo!

Que venha esse alguém, que defenda este padre calumniador, que justifique a palavra infame do onagoro tonsurado.

Eu não devia louvar-me a mim mesmo, é claro; mas é preciso dizer estas coisas porque d'outro modo a canalha sobe sempre, passando por cima de tudo e nem todos sabem distinguir, o que é a marca da justiça, ou a baba petulenta d'um impenitente devasso!

Parece-me desnecessario pintar mais demoradamente o padre.

O leitor vê-o e admira o como vergonha do clero, insubordinado, devasso, calumniador, impudico, infamador das casas onde entrava, emporcalhador de reputações, heretico, imundo.

Conclua-se d'aqui o conceito que deve merecer na consciencia de todos os homens honestos o epitheto de malandrim, com que julgou ferir-me!

Mas-que fez este homem? quem è? o que vale?

E' um homem que toca viola, canta de barytono, walsa nos clubs, caça e cosinha. Mas toda a gente faz isso, d'onde então a fama do bilhoste:

De ser padre. Esta é a verdade. Sem ser padre todas as aptidões acima, dar-lhe-hiam entrada n'um café concerto, ou n'uma barraca de feira. Mas é padre! e eis o segredo da celebridade do bandalho emerito, do insignificante em todos os ramos da sua actividade, excepto nos respeitantes á calúnia e á infamia!

N'esses é realmente celebre, n'esses é realmente classico!

E respondi. Resposta litteraria. Mas ha outra que não dispensarei, na occasião. Essa dar-lha hei quando lhe encontrar a corôa ao alcance da ponteira da minha bengala.



Ter uma ideia, n'este momento, é quasi um caso virgem... Porque, francamente, sob esta athmosfera pesada, tudo nos convida a não cançar o cerebro, tudo nos convida a não fazer nada, nem mesmo a amar que sempre dá alguma coisa que fazer... Uma rede dependurada entre duas arvores, passaritos a trautearem as suas canções alegres, a agua a correr entre os canteiros e algumas divindades a fazerem-nos bichinha gata, mas uma bichinha gata *pour le bon motif*... é tudo quanto se pôde idealisar n'este tempo de verão em que o ceu, com a monotonia do seu azul constante e o sol com a imperitencia dos seus raics ardentes nos tiram as forças para trabalhar.

Pois, apesar de tudo isto, nós acabamos de ter uma ideia, que, respeitosaemente, vamos submeter ao juizo da rua dos Capellistas, aos syndicateiros do paiz, que, n'esta hora tenham fundos disponiveis e se achem dispstos a aventuras financeiras.

Já ha jantares e varias outras cousas aos domicilios, não é, portanto, para admimir que uma nova empreza forneça pensamentos aos domicilios, destinada a favorecer todos aquelles que vão a Paris, encarapitar-se no ultimo varandim do torre Eiffel.

Ha quatro mezes que todo aquelle que tencionava ir visitar a a grande cidade, anda improvisando um pensamentosinho para abivar ao mundo, do alto d'aquelle grandioso monumento, que o nosso compatriota Antonio Duarte da Cruz Pinto acaba de saudar como uma *amostra soberba de talento francez*, esse mesmo monumento, d'onde Luiz d'Araujo nos enviou, ha dias, um abraço fraternal... Entre parenthesis: obrigado, Luiz, muito obrigado por não nos teres esquecido lá em cima, nas alturas de vôo das aguias, envolto em nuvens como nas apotheoses das revistas do anno.

Ha quatro mezes que centenas de pessoas dão tratos de polé á imaginação para inscreverem no livro de ouro do *Figaro* um pensamentosinho delicado, ternas endeixas ou sentida prosa; que elles, depois de fabricadas caprichosamente, aecomodam com toda a cautella na sua mala de *touriste* entre um par de piugas e uma camisa de noite.

Esta preocupação constante emmagrece, empallidece e definha toda a nossa população.

As mezinhas andam anarellas e os paes andam vermelhos pelos esforços enormes, contrahidos durante dias e dias, para

darem á luz um pensamento sympathico, decorativo de boas imagens, grandioso de inspiração.

Familias inteiras vasculham todos os recantos, armarios e gavetas, cafeteiras velhas e barris do lixo, em busca de duas linhas de prosa á altura da gravidade das circunstancias... Janotas da mais fina gomme; heroínas de primeira agua, teem todos e todas um aspecto triste, lugubre, tenebroso, que preoccupa, evidentemente, aquelles que lhe desconhecem a causa.

Respeitaveis familias conferenciam sobre a saude das pallidas virgens, senhoras suas filhas.

Desconfia-se da tenia, examina-se a agua, o pão, a carne, os legumes, medicos afamados são chamados a consulta, o enfermo vem, viram-n'o reviram-n'o, auscultam-n'o, batem-lhe os pulmões, o figado, o baço, os rins, e ninguem diagnostica o que se passa no organismo de cada um...

E, afinal, do que essas brancas Julietas, ou esses tristes Romeus estão soffrendo é de pensamentos recolhidos, pensamentos que não saem nem á mão de Deus Padre, nem com o *forceps*, nem com a seringa, nem com o sennê tartarisado, nem com as pevides de abobora...

Um horror de doença que pode transformar esta Lisboa n'um cemiterio á beira mar plantado.

Para evitar, pois, tudo isso, para restituir o socego a cada lar, a côr a todos os labios a luz a todos os olhos, é que nós propomos aos homens de dinheiro a *grande* empreza dos pensamentos... E assim o sr. Monteiro dos milhões dando o braço a um vate laureado e o sr. marquez da Foz a um prosador elegante, poderão concorrer para o bem estar de todas as familias que projectam, nas horas vagas do loto, um passeio até Paris.



Organisa-se uma tabella de pensamentos de primeira, segunda e terceira classe, com preços de varias cathogorias, pensamentos simples, rhetoricas, floreados, eloquentes, rimados, em verso branco, de quatro, de cinco, de sete syllabas, que se vendam á partida do comboyo, em todas as *gares*, se enviem pelo telegraphò, pelo correio, estampilhados, encaixotados, franco de porte, livres de direitos...

Pensamentos modestos, para uso de familias honestas, *um franco*.

Pensamentos para namorados, em phrases ternas, *um franco e noventa e cinco*.

Pensamentos voluptuosos; *dois francos*, (um bocadinho mais caro não ha remedio...)

Pensamentos solemnes, para commendadores ou conselheiros, *dois francos e cincoenta*.

Em verso, rima bem timbrada, bem medidos, dos que chegam ao fim do papel, como se dizia na *Morgadinha*, versos de encher o olho, *quatro francos*...

E assim successivamente...

A empresa promptificar se-hia a satisfazer qualquer encomenda no mais curto espaço tempo. Teria lyras apropriadas, promptas a serem dedilhadas á vista da fregueza,

Convidar-se-hia o Fernando Caldeira para a secção dos pensamentos delicados, o Gervasio para os pensamentos engraçados, o Brito Aranha para os pensamentos solemnes; eu proprio me sacrificaria á secção das voluptuosidades amenas...

Seria uma especie de *Bon Marché*, devidido n'um sem numero de *rayons*, com um papagaio encarnado á porta como a loja do Povo e um pregoeiro gritando da janella as vantagens da luminosa empreza.

No *rayon des chinoiseries* encontrar-se-hiam pensamentos chinezes com rabichos, superiores a todos que veem estampadas nas caixas de chá preto de ponta branca.

Haveria de tudo, para todos os appetites, para todos os paladares, para todos os preços e a população dormiria tranquilla nas vespersas da partida.

E para que ninguem se queixasse até pediriamos a Mendonça e Costa para se encarregar da secção do *calembourgo*, de que veiu tão graciosa amostra no Correio da Manhã.

Se esta empreza falhar, então falha tudo n'este mundo, e eu juro aos deuses immortaes (esses deuses de que ha muito se não falla!) nunca mais ter ideias em dias quentes de verão.

C. DE MOURA CABRAL.



Tendo-se esgotado os n.º 1 e 2 da Comedia Portugueza e não podendo nós, portanto, satisfazer as inumeras requisições que nos teem dirigido não só os novos assignantes d'este semanario, cuja animadora affluencia nos tem pehorado em extremo, mas tambem muitos dos nossos antigos assignantes, que não colleccionaram aquelles numeros, resolvemos mandar fazer uma segunda edição, com a qual nos achamos presentemente habilitados a attender todas as reclamações.



Todos os senhores assignantes a quem falte algum numero da collecção, e o queiram alcançar. farão as suas requisições o mais breve possivel, porque aproximando-se o fim do nosso primeiro anno, que termina em setembro proximo, todos os exemplares de sobra serão encadernados com as novas capas, constituindo assim collecções completas, tornando-se por isso, mais tarde, impossivel satisfazer a qualquer requisição de numeros em separado.

A seu tempo aannunciaremos a existencia de capas especiaes para encadernamento do primeiro volume da Comedia Portugueza, bem como as respectivas condições para os senhores assignantes e para os colleccionadores avulsos.

PELO REDACTOR GERENTE
Victor Lisboa



(Conto fantastico)

Era decerto uma allucinação, uma doença, um horror!
Amava loucamente essa mulher! Loucamente! Porque nunca, até hoje, o ciúme entrou no coração d'um homem com a acuidade bicortante d'uma lamina, tão cheio de amarguras, tão estranhamente doloroso, lacerador, brutal!

Os grandes amôres dos poetas, atravessando a humanidade, desrolando-se, epicamente, nos poemas, eram, perante o meu, sombras vagas d'essa amorosa evocação apocalyptica pela grandeza, arrancada ao meu cerebro de vidente e consubstanciada, incarnada n'aquelle pequeno corpo branco, cheio das attracções invencíveis dos mares mysteriosos!

Como eu a amava! Toda a belleza da terra, as estrellas, as flôres, as aguas e as nuvens, os cantos das aves, as noites e as auroras, nada lhe arremedava, sequer, ante o meu espirito, a luz azul do olhar, a côr dos labios, a brancura leitosa da pelle, a doçura da voz, o ouro brilhante das tranças!

Ella era para mim a suprema belleza, visão suspensa entre a terra e o ceu: mulher porque lhe sentia os beijos, dividida porque só a podia amar... de joelhos!

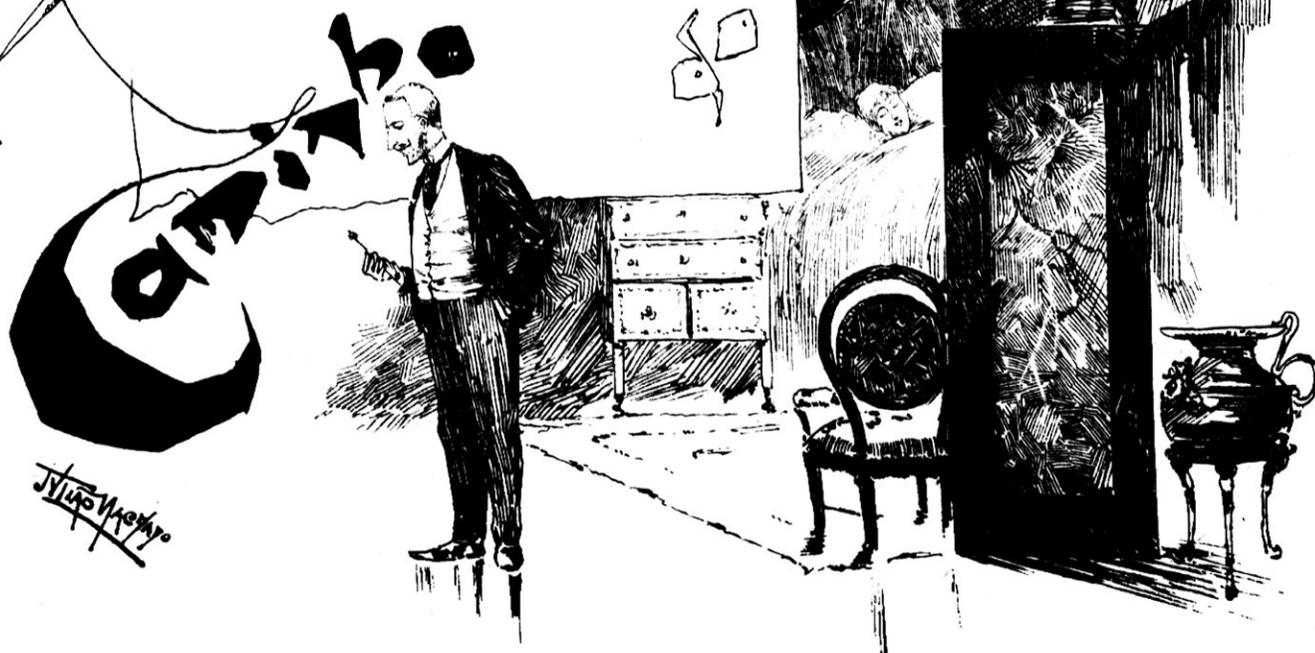
E, então, este amor sobrenatural mergulhou a minh'alma no mais estranho dos ciúmes, ridiculo até á epopeia, sublime até ao martyrio!

Tudo o que a podia ver, tocar, sentir, me causava um estranho pezar, um odio invencível.

E, assim, odiei o ar e a luz, a agua e o som, os sentidos dos homens e sobretudo os seus cerebros onde a imagem fixada pelo olhar podia fazer brotar da vibração anomala das celulas as obras primas da arte, os poemas, as creações sublimes das paixões luminosas!

Os cerebros, que podiam acaricial-a, beijal-a, possuil-a, desnudal-a pela imaginação, profanal-a como herejes, polluil-a como bandidos!

E, o mundo inteiro fez-se para mim como um rival levianico, esmagando-me com o pezo da sua grandeza vencedora, ironica, selvagem, invencível.



Júlio Mesquita

Este caminhar doloroso de vencido matava-me, lentamente. A ideia do suicidio repugnava-me absolutamente: ella ficava sobre a terra! Restava-me apenas... mata-a!

Mata-a-hia. Choraria sobre o seu cadaver e iria visital-a, todos os dias, na capellita de marmore branco que lhe mandaria erigir entre os mortos! Entre os mortos, sim.

Elles não vêem, não fallam, não pensam! Lá estaria bem.

E, esta ideia, analysada, acalentada como uma solução redemptora, apossou-se do meu espirito e decidiu do meu crime.

N'aquella noite, se a minima desconfiança lhe atravessasse o cerebro, teria percebido nos meus labios, ao dar-lhe o beijo de despedida, um ligeiro tremôr. Mas não; ageitou delicadamente a cabecita no fôfo plumoso da trança e adormeceu.

Tinha estudado anatomia. Sabia perfeitamente o lugar, entre as costellas, onde podia apanhâr, no seu regular movimento de pendulo, esse pequeno cone muscular, onde, segundo a velha linguagem classica, nós fechamos as imagens das mulheres queridas.

Levantei-me, cautelosamente. A lampada lançava no quarto uma luz discreta, timida, d'um azulado meigo, como luz d'um luar d'agosto atenuada gradualmente n'um perpassar de gazes densas. No guarda joias entre-aberto, a cabeça do alfinete grande do toúcado, formada por um grosso diamante, brilhava cheia de scintillações. Agarrei-o freneticamente. O inferno deparava-me com raro empenho a arma formidavel. Dirigi-me ao leito. Ella dormia com uma placidez de virgem, os braços cruzados, o peito levantando-se suavemente, dôcemente, o cabello esparou n'uma onda revolta de fios d'ouro, tenues e brilhantes como esses filamentos brancos que fluctuam no ar pelas manhãs claras d'inverno.

A bôcca apenas entreaberta deixava passar um ligeiro sopro d'ar aquecido na abobada do peito, cheio do perfume dos labios.

Quando lhe levantei a roupa, a descobrir-lhe o busto, toda a belleza setinea da pelle, pareceu envolver-se n'uma atmosfera azulina, beijada pela luz dispersa da lampada. Uma côr d'uma frescura ideal esbatia o modelado esculptural do colo rigido, como se fosse de marmore branco e o houvessem mergulhado n'um banho de leite com succo de violetas.

Nunca me parecera tão bella, tão delicada, tão fóra da humanidade, pela estranha belleza, pela graça do somno placido que lhe emprestava ao corpo qualquer coisa de diaphano, de subtil e ephemero d'uma visão de ballada, de ondina adormecida n'um lençol de espuma, á superficie d'um lago.

Puz-lhe a mão sobre o peito a confirmar o sitio. Ella não se mecheu; se uma leve impressão poudo sentir, immersa no somno, percebeu-a talvez como uma caricia habitual, (eu costumava tanto beijar-lhe o colo!) e apenas um ligeiro sorriso de extrema meiguice lhe contrahiou os musculos do riso.

Então curvei-me, levemente, colloquei a ponta do alfinete no sitio proprio e, com um movimento brusco, rapido, enterrei-o completamente! O coração atravessado de lado a lado contorceu-se em estremeções successivos; debateu-se tremendo com uma pequena ave que se fecha na mão e pregado, dando um salto de supremo esforço, parou!

Ella quasi não sentira. Apenas uns leves tremores lhe sacudiram por duas vezes o corpo. Os olhos abriram-se de subito para me fixar allucinadamente e tornarem a fechar-se n'uma somnolencia invencivel. A cabeça carregou mais profundamente o recheio fofo da almofada; os labios descoraram de repente; uma pallidez de cera invadiu-lhe a face; o relachamento completo dos musculos operou-se; o colo repousou n'uma immobilidade de pedra — estava morta!

Oh! morta! jamais o seu sorriso poderia curvar um dito de espirito d'um galanteador! jamais o seu olhar feito de todas as doçuras e de todas as caricias, poderia animar, nos salões dourados, o madrigal eternamente suggerido pela sua belleza provocante! jamais um miseravel qualquer poderia cercar-lhe a mão n'uma quadrilha animada, ou adstringir-lhe a a cinta aspirando-lhe no voltear da valsa, o aroma do cabello cheio do perfume dos cravos roxos e das magnolias brancas de neve!

Morta! morta! talvez que n'um sonho onde voejasse a minha imagem! a minha imagem! a ultima na pupilla, impressa a derradeira, no coração!

Não sei que tempo a contemplei, alheio, allucinado, fóra de mim. De subito começou a invadir-me o peito o remorso do meu crime.

Não, não estava morta. Chamei-a de vagar: não respondeu. Palpei-a, estava gelada!

A cabeça revolucionou-se n'uma dôr enorme, o coração saltou desorientado, turvou-se-me a vista!

Perdida, para sempre! E, do peito, symthese de todas as dôres e de todas as agonias, sahio-me vibrante, afflictivo; um grito, grito de leôa, que baqueia, prostrada pela bala do caçador, defendendo os filhos!

E cahi ao seu lado, morto tambem!

Mas estranha morte: sentia-me embalado como quem vae sobre um andôr e cahiam-me no rosto gottas d'um liquido quente.

Sentia-a no entanto morta a meu lado, iamos ambos, pois, a caminho do ceu.

E desejo de conhecer a estrada e a conducção abri os olhos, um pouco receioso.

Acordada pelo meu grito, embalava-me no colo e beijava-me o rosto, lacrimosa, n'um carinho cheio de receios.

—Acorda, acorda, que horrivel pezadêlo te opprime!

Despertei de vez. Lancei-me nos seus braços abertos, brancos como as azas dos cysnes e descancei a cabeça febril sobre o seu colo. E, como eu lhe contasse o meu sonho e as juras viessem entermeiadas de beijos e como os nossos olhares se acariciassem soffregamente como dois noivos, eu percebi que n'esse momento, iamos, definitivamente, a caminho do ceu!

MENDO.



Escrevem de S. Sebastião para Madrid:

«El-Rei menino tomou hoje o seu primeiro banho de mar, em companhia de sua irmã a princeza das Austrias, tendo sido ambos confiados ao cuidado do banheiro Carrasco. —»

A bôa rainha não é, decerto, senhora que tenha prejuizos. Nem eu os tenho. Ha porém coincidencias crueis, sobretudo na Hespanha. Entrar no mundo ao colo d'um carrasco, demonio! mesmo que o seja por appellido sôa mal! Que a sorte preserve o reisito papagueador de sahir do mesmo modo.

Ha noticias lugubres.



Era uma vez um homem que foi para a Alemanha estudar doenças d'olhos, que por lá viveu muitos annos a enfronhar-se nas mesmas doenças, com muito aproveitamento e satisfação de todos os que o conheciam, segundo reza a fama.

Esse homem era d'um pequeno paiz á beira do Atlantico, onde, segundo a canção franceza, floresce a laranjeira e reina Luciano primeiro—o do bom coração.

Ora houve n'esse paiz uns amigos do tal doutor dos olhos, que ou por saudades do mesmo doutor. ou por curiosidade. instaram com elle para volver á patria, ao Tejo de cristal, aos seus braços, ao seu amor!

Custou um pouco a resolver-se o sollicitado especialista, já porque o não lancinassem grandes navalhadas de nostalgia patria, já porque preferisse o campo azul dos suaves olhos allemães á pigmentação castanho-escura dos olhos alfacinhas, para pasto operatorio dos finos styletes.

Acorrentava-o talvez a Heidelberg a tradição gloriosa da sua Universidade celebre por tantos titulos, o encanto da vida academica, tão cheia de quindins heroicos, de poesia mystica, de encantos da mocidade agitada e ainda a gratidão á celebre cidade que lhe abria os olhos a poder distinguir facilmente, nos outros olhos, um argueiro d'um cavalleiro.

Fosse porque fosse recuzou-se por algum tempo. As cartas dos amigos eram porém instantes, fallavam-lhe da saudade e do amor da patria, das cataractas patricias, da cegueira quasi geral em que viviamos todos e elle veio.

N'aquelle dia o bom doutor bebeu o ultimo dos 12 copos de cerveja com a ultima das doze badaladas do meio dia no relógio da cathedral e seguido dos estudantes, capa traçada, chapéu de pluma carregado gentilmente sobre a orelha direita, entouo seguido dos companheiros para a *gare* do occi-

dente, aquella bella canção de despedida, que tantas lagrimas tem arrancado aos olhos azues que assomam ás galerias da velha cidade allemã e que começa assim:—
Companheiros, um ultimo copo e adeus! Minha loura amada, adeus! Nunca mais verei a tua cabeça loura que me esperou, nem ouvirei pela calçada o tenir das minhas esporas!—

E n'aquelle mesmo dia finalizada a canção, o doutor deixou Heidelberg, a escola, a clinica, e partiu em busca da patria. *Rien est beau que la patrie!*

Os amigos abraçaram-no muito, os papeis fallaram, e os canivetes do doutor começaram a trabalhar. Mas o bom coração do presidente do conselho não estava satisfeito e como havia uma escola de medicina, cheia de tradições, de trabalho arduo, de talento; com as suas leis proprias, os seus direitos, a sua autonomia inatacavel, sua excellencia lembrou-se de lançar uma injuria a essa escola como já tinha feito á instrucção n'uma celebre reforma, que espantou a Alemanha e a Porcalhota, em pezo!

A cadeira de professor transformou-se em cadeira de parlamento, onde se manda sentar o primeiro valdevinos que siga, sem escrupulos, a politica do governo, e da dignidade, da seriedade, dos direitos ao respeito geral e sobretudo do estado que assiste a cada professor, elle fez materia desprezível e insignificante, porque sua excellencia vive na triste persuasão de que é mais facil ser lente da Escola Medica de Lisboa do que presidente de ministros.

Pois engana-se redondamente, excellencia. Ser presidente de conselho é uma questão de bamburrio, (e dispense-me o citar exemplos) e ser lente da Escola Medica de Lisboa, representa, pelo menos; muita applicação e muito trabalho.

Mas custe o que custar, é lei, que os professores não sejam feitos pelo processo primitivo do *fiat lux*.

Faça-se um professor e o professor fez-se?

Eu não conheço o dr. Gama Pinto, como homem de ciencia. Quero acreditar que é um especialista distincto, que elle merece com toda a justiça, a cadeira que lhe querem offerer na Escola.

Mas como não offende o seu orgulho de homem de ciencia, o favor d'uma cadeira que pode adquirir briosamente?

Como não se envergonhará o futuro professor de fazer parte d'um corpo docente, que tem os titulos das suas cadeiras, elle, intruso, professor por convenção, por amizade, pelo bom coração d'um ministro?

Porque tudo se fazia da maneira mais facil. O sr. Luciano mandava crear a cadeira de ophtalmologia na Escola. A Escola abria o concurso para essa cadeira o sr. Gama Pinto concorria, só, ou acompanhado.

Só? ficava professor, naturalmente.

Acompanhado? Ou era o mais habil ou outro apparecia que o supplantava. Se era o mais habil a Escola abria-lhe, honrada, os braços; se não era; não entrava e estava feita justiça.



PROLOGO

— Os medicos são, ninguem o nega, uma providencia no seio das milhas.
No verão, esta providencia dobra-se, n'uma simplicidade da pavel, em passaporte para via medico-recreativa, através das vincias e ainda por siem das teiras.
E' conhecido de todos esta esma de doencas que attacca as sauras no principio do verão.
O medico e chamado. O rural e ter de se arranjarem as taboas, para ir para alli soco.

As Joentes sentem-se hoje com o tratamento, o medico sete furos no concreto da familia. Como se explica tudo isto?

Antes da consulta medica, f dos maridos ou dos papá, as sauras tem sempre o cuidado de conhecer ao doutor o sitio para de desajam ir vernevar, a phtherma, o lugar, onde de sabem que Raul irá tomar banhos. Gostamos fazer inhaldições e R. dirigie continha.



— Então disse nos dentes dos pia, muita tristesa sem motivo, sonhos e vietas?
— Oh! muita vietas!
— Bem sei, Karolina. Caccare; setembro e metade de outubro.

— Isto n'uma conversa casual na rua, no theatro, n'um baile.
O medico habia conhecido logo a doença e spanha a receita no ar.
Este ensaio de bastidores guarda-a medicina, como um segredo de confessorario, porque não raro a sua condescendencia dá origem a romances e dramas domesticos, quando não se limita a um ataque crucial á bolsa do amphytrio pagador.
E não se diga que o medico faz mal. Perde a casa onde traça e descredita-se, se não.
Quando se fallar n'elle haverá logo quem sustente que é tolo.
— Que medico! eu a preitar de se para Vichy e elle manda-me para o Geres. In sue matando! Nem vel-o.
Depois de conhecido pois o ensaio o leitor vai perceber pagina das consultas.

— Então n'uma frizete alobata. Nem que el possa andar. E depois o espasmo... de muito estorcedo.
— Bem sei, Figueira da Foz: tu mezas valtas: quantos pensas.

Medico, papá é vieta: Confiamos muito no affortamento? pouco oppoia, diat? e a dte nas mezas pormozas?
Ella, impoia—pode. decoret, sempre.
Receita: dita mezas na Gueja.

J. V. M. A. J. O.

— E' caso sério, doutor?
— Muito sério, esta mulher tem uma tendencia exarcebada para as doencas de figura. Tem de a levar para Vilaga nos dias mais secos.
O marido soffriço—e queira le L. L. L!
Ela, compuncta—e é grato!

— As meditas sorveglias!
— Ah! as sorveglias! sorveglias, condensas capriciosas? Vancos detalladas.
Receita: Culinha do Geres: um mex. Agui: amebona.

Ha nada mais simples ?

Ha infelizmente. E' collocar, acima da lei, acima d'uma Escola respeitavel, acima da justiça, acima do direito, acima do mais rasteiro criterio, o capricho insultuoso d'um ministro.

E isto defende-se, por politica, por comprazer, por acinte!

Que triste paiz onde vale menos do que um logar de porteiro de ministerio uma cadeira de professor.

A Escola Medica tem apenas um caminho a seguir : é demittir-se em massa.

Nenhum governo será capaz de arcar com tal responsabilidade e fica fechada a porta d'uma vez. O concurso é o caminho dos professores que entram; quando uma escola é obrigada a descer ao nivel do parlamento, onde se tem cadeiras pela vontade dos ministros, os professores dignos, sahem !

A discussão é uma suprefluidade inutil e criminosa, a transigencia uma vergonha absoluta.

MENDO.

Carlos Lopes



A *Comedia Portugueza* honra-se apresentando o retrato de Carlos Lopes, um artista portuguez, que está no estrangeiro, honrando o paiz, na exhibição de dotes astísticos de subido valor, reconhecidos pela imprensa, unanimemente.

Actualmente está em Victoria-fazendo o Oroven da Norma estando já escripturado para Citadella para cantar a «Favorita».

Tem cantado em Milão, Verona, Livorno, Mantova, Lodi, Camerino, sempre colhendo applausos. E' já vasto o repertorio do distincto «basso», pois canta: a *Africana*, *Baile de mascarar*, *Norma*, *Carmen*, *Trovador*, *Guarany*, *Favorita*, *Luiza Miller*. e outras operas.

Juntamos os nossos applausos ao côro de homenagens, prestadas ao distincto artista pela imprensa italiana.

Notas do flaneur

CA E LÁ...

Isto só acontece em Lisboa!... é a phrase que barboloteia nos labios de todos aquelles que vão ao estrangeiro e regresam ao seu paiz, embriagados de civilisação e de progresso.

Ouvindo-se estas palavras imagina-se que, lá por fóra, não ha senão rosas em todos os caminhos, sorrisos em todos os labios, sympathias em todos os olhares. Por toda a parte considerações e protecções e desinteresses para com o forasteiro, desde o mais requintado *clubman* ao mais desbragado cocheiro, ao mais refinado gatuno.

Ora, francamente, francamente, a par de muita cousa bella, ao lado de muita gentileza e de muita galanteria, nós encontramos, muita vez, explorações que nos contrariam e atiram, para longe, todos os ideaes que haviamos encastellado nos nossos melhores senhos côr de roza.

N'aquella formosa Paris, que nós tanto amamos e tão entusiasticamente copiamos, encontramos scenas tão reles, que se as vissemos passadas em Lisboa, exclamaríamos afflictos e envergonhados ; *isto só aqui acontece!*

*

Entremos nos templos, por exemplo.

Junto á pia da agua benta um homemsinho molha um pincel á espera do visitante que apparece á porta. Se este abre a bolsa do cobre e lhe apesenta uns centimos quaesquer o empregado esparge, affavelmente, a santa agua e estende a mão para embolsar a moeda; mas se, ao contrario, o visitante passa indifferente ao milagroso liquido, o homemsinho olha furioso e, resmungando, deposita na concha de marmore o seu pincel, onde elle não consente que pessoa alguma mergulhe os dedos gratuitamente.

Mas... isso é pouco, e eu vou-lhes contar um triste episodio que presenciei a vez primeira que visitei a *Notre Dame*.

Ao mesmo tempo que eu me dirigia para o templo entrava um cortejo funebre.

Segundo o costume o corpo vinha trazido de casa até á igreja. onde devia receber as benções finaes, para depois ser levado para o cemiterio. Acompanhava o cadaver uma viuva, envolta em seus negros crêpes, suffocada em choro e acompanhada por alguns amigos do fallecido.

Collocado o caixão sobre um estrado qualquer, improvi-

sado em frente d'um altar, os convidados tomaram logar nas cadeiras que ali estavam dispostas, enquanto a viuva, afastando-se um pouco mais, se ajoelhava n'um genuflexorio, enxugando no lenço lagrimas afflictivas.

Uma velha de touquinha branca, trazendo na mão uma pucarisa de folha dirigia se a todos a cobrar de cada um os quinze centimos pela cadeira que occupavam. Por ultimo aproxima-se, bruscamente, da senhora, a pedir vinte centimos pelo genuflexorio.

Com o rosto encoberto entre as mãos a pobre viuva, entregue á sua dôr, não reparava na velha interesseira, que, batendo-lhe asperamente no braço, sem respeito pela magua que a torturava, bradava, cynicamente, no silencio do templo: *vingt centimes, s'il vous plait.*



E a infeliz interrompia as suas orações para saciar a especulação da furia.

O que se diria se em Lisboa, a selvagem, tal se praticasse?

Como esta, com quantas individualidades antipathicas esbarramos a cada momento.

Conhecem a *ouvreuse* dos theatros?

Nada de mais impertinente, nem de mais incommodo...

Em cada casa de espectáculo, em todas as ordens, dos *fauteuils* ás galerias, lá estão ellas espalhadas, ás quatro e cinco, com maneiras fidalgas emquanto fazem requerimento á gorgeta. A primeira especulação consiste na collocação do espectador, que, se não tiver muito cuidado, é posto muito alem do numero favoravel que possa ter conseguido. Depois d'isso, quer queira quer não, ha de entregar-lhe o seu *paleto*; isso seria muito bom se o guardasse até ao fim do espectáculo, mas apenas começa o ultimo intervallo eil-a invadindo plateias e camarotes a trazer os *affaires* de cada um, obrigando-o a passar meia hora ou tres quartos incommodadissimo. Se a gorgeta é regular um *merci* adocicado vem cair-nos ao ouvido, se, ao contrario, foi pequena, carregam o sobr'olho e estabelecem preço.

E pensamos nos que, nos nossos theatros, um pobre diabo do bengaleiro passa noites colhendo, quando muito, quatro vintens, porque a maior parte nem mesmo uma moeda de vintem sabe atirar para a caixinha das gratificações... E aquellas boccas não se abrem para uma phrase de desespero.

Não contentes com os *affaires* que se lhe entregam, vendem-nos o programma, á má cara, e, se nos acompanha uma senhora, quer ella se incomode quer não, ha de aceitar o *petit banc*, a troca de nova moeda, porque, porque... *c'est l'habitude!*

Deixemos a *ouvreuse* e encontremo-nos com o cabelleireiro.

Tanto para a harba, tanto de gratificação... D'accordo. Mas o cabelleireiro é uma outra entidade massadora de Paris.

O freguez ha de lavar a cabeça, ha de pintar o cabelo, ha de comprar uma perfumaria, ha de mandar abrir um frasco e tendo entrado julgando gastar cincoenta centimos ou um franco, quando muito, acaba por ter gasto doze, quinze ou vinte se se fiar no tanto amavel e gracioso do official.

Umavez, necessita uma *petite coupe de cheveux*, apesar de ter cortado o cabelo na vespera em qualquer outro cabelleireiro; outras vezes necessita pintar o cabelo porque tem uma agua esplendida para esse fim e os cabelos brancos dão um parecer carregado ao seu querido freguez; se o mesmo está constipado ou allega uma dor de cabeça a *friction de Portugal* cura-o immediatamente... de forma que quando se sae das mãos do bruto sae-se estafado, se não se tem recorrido ao expediente de berrar-lhe que o barbeie e nada mais.

Entremos nos cabelleireiros de Lisboa.

Não ha nenhum que se lhes assimelhe, graças a Deus! se lhes damos algum pataco agradecem-nos, se nada lhes damos não extranham.

N'aquelle paiz republicano o *décoré* tem sympathias e attentões que não gosa aquelle que na sua *boutanière* se limita a ter um botão de rosa.

A fitinha constitue uma verdadeira mania. *Monsieur le décoré* pode passar á vontade; nos theatros não precisa de senha, nas *gares* não soffre, incommodos com a sua bagagem.

Uma vez, na companhia de um amigo meu, commendador de Christo, que tinha, cautelosamente, levado o seu botão vermelho, propuzemo-nos a visitar o museu ethnographico do Trocadero. Era, porem, uma segunda feira e quando lá chegámos uma multidão enorme agglomerava-se á porta, muito contrariada porque o porteiro declarava que, n'esse dia, o museu não podia ser visitado, por ser o dia consagrado ás limpezas.

Aproximei-me tambem do cerbero, pondo á minha frente o meu amigo *décoré*, como carta de apresentação e parlamentei com o zeloso porteiro.

Reparando no botão vermelho do meu companheiro, o cerbero perfiou-se, abriu passagem e mandou-nos entrar, ao mesmo tempo que a turba impaciente e desesperada vociferava contra estas selecções no paiz da egualdade.

Pelo dinheiro tudo se consegue, tudo se conquista. E' a lucta pelo bago, pouco mais ou menos, a lucta pela vida...

Dirigi-me á camara dos deputados e, segundo o costume, apresentei-me a pedir um bilhete para entrar. Foi-me entregue, nao sei bem porque, um bilhete para a tribuna dos officiaes do exercito. Um continuo qualquer, que, immediatamente, tive o cuidado de gratificar, acompanhou-me a indicar o caminho; mas, quando ia a passar junto da tribuna do corpo diplomatico o delicado empregado, conferenciando com o porteiro da mesma tribuna, convidou-me a entrar para ella, a troco d'um franco...

Agradei, mas não aceitei... Por um franco eu podia ter entrado para junto dos representantes das mais altas potencias...

Passam os *omnibus* atravessando Paris. Depois da paragem nas estações competentes, o *omnibus*, tendo logar, recebe passageiros. Conseguir, porém, do conductor a amabilidade de parar, a que o regulamento policial, affixado no interior do carro, o obriga, é caso difficil, é assumpto perigoso. Senhoras, quaesquer que sejam as suas cathogorias, correm, a bom correr, distancias de alguns metros atraz dos *omnibus*; o conductor do alto dos degraus espera, impassivel, que ella apanhe o varão da escada ao seu alcance, para elle, então, lhe enfiar o braço e atiral-a para a imperial ou para o interior, conforme ella deseja. Para descer, a mesma cousa. Cada um que se apeie, como puder, e sómente sua excellencia pucha o cordão a dar signal ao cocheiro para parar, se encontra diante de si quem o obrigue a cumprir o seu dever, não sem resmungar uma má creação qualquer... Francamente não nos parece que n'este ponto, cocheiros e conductores sejam mais delicados do que os nossos...

Dir-se-ha que o movimento é prodigioso e que se os *omnibus* parassem a cada momento a carreira seria interminavel...

Ora em Londres é bem maior esse movimento e os conductores dos *omnibus* não põem essas difficuldades.

Entra agora n'um café, com a semceremonia com que qualquer entra aqui no Martinho, abancando simplesmente para o cavaco, ou lendo todos os jornaes sem tomar consumação alguma. Aguardai na *terrasse* de qualquer *buvette* por muito ordinaria que seja ou de qualquer café por muito fidalgo que pareça, a passagem de um amigo ou de uma familia conhecida, sem pedir, immediatamente, um copo de qualquer refrigerante...

Ganimesdes virá, promptamente, convidar-vos a levantar, ainda que isso se dê á hora em que os freguezes são raros...

Haverá n'isto tudo irreprehensivel proceder aristocratico de gente bem educada?

Entra nos armazens em procura d'um objecto que pretendeis comprar. Maneiras das mais finas vos recebem... Emquanto o negocio se vai entabulando, tendes mil sorrisos e affagos, mil attentões e respeitos...

Mas... o caixeiro desarrumou, de balde, os armarios, não encontrou ou pediu muito caro pelo objecto requisitado, não vendeu por fim, a physionomia ha pouca graciosa do caixeiro ou do dono da casa, transforma-se n'uma expressão grosseira de enfadado.

Como estes e outros casos quantos poderíamos apontar para que se não supponha que, só em Lisboa, certos acontecimentos se dão, e que, lá por fora, todo o mundo faz uzo da maior civilidade para com o estrangeiro.

Não pense qualquer que, ao sair do seu paiz, encontra *la vie en rose* por toda a parte, que os gatunos e os malcreados não vivem alem das fronteiras, e só em Lisboa se vêem scenas e typos perfeitamente ridiculos, verdadeiramente nojantos.

C. DE MOURA CABRAL.

THEATRO da RUA dos CONDES

O NEGRO D'ALCANTARA



O TELLO

4524/6